



**ANA FILIPA DIAS
LEITE**

**BANDA DESENHADA, HISTÓRIA DE PORTUGAL E
DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA
Um estudo no 2.º Ciclo do Ensino Básico**



**ANA FILIPA DIAS
LEITE**

**BANDA DESENHADA, HISTÓRIA DE PORTUGAL E
DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA
Um estudo no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Doutora Cristina Manuela Sá, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Dedicatória

À minha família por todo o apoio ao longo desta caminhada e por acreditarem sempre em mim.

*“Seja como a fonte que transborda
e não como o tanque que contém
sempre a mesma água.”*

Paulo Coelho

O júri

Presidente

Professor Doutor António Vítor Nunes de Carvalho
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogal

Professora Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogal

Professora Doutora Cristina Manuela Branco Fernandes de Sá
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Aos meus pais, que são o meu braço direito, por todo apoio, pelas palavras de força, pela paciência, por estarem sempre presentes e do meu lado e por nunca me deixarem desistir dos meus sonhos.

À minha irmã, a minha maior referência para ter começado esta caminhada, por ter orgulho em mim e por torcer sempre pelo meu sucesso em cada conquista minha.

À Doutora Cristina Manuela Sá, por todas as palavras de incentivo, pela sua dedicação, pela calma que transmitia em momentos mais difíceis e por tudo o que me ensinou ao longo do meu percurso.

À professora cooperante Rosário Carvalhais, por todo o apoio e força, por me acolher tão bem, por todos os ensinamentos transmitidos e por acreditar, tanto quanto eu, neste projeto.

Aos alunos que aceitaram participar de braços abertos neste projeto, por toda a alegria, curiosidade e dedicação, aprendi muito com cada um deles.

A todos os meus amigos, por estarem sempre presentes, por me darem força para seguir em frente, pela paciência, confiança e disponibilidade, mas acima de tudo, pela amizade.

Palavras-chave

Escrita; Banda desenhada; Ensino da língua materna; História de Portugal; 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Resumo

O presente estudo pretendia usar a banda desenhada para explorar a relação entre o estudo da língua materna e da História de Portugal e desenvolver competências em expressão/produção escrita em alunos a frequentar o 6.º ano de escolaridade.

Com a realização deste projeto, queríamos obter resposta para as seguintes questões de investigação: *Será que a exploração da banda desenhada permite abordar a relação entre o estudo da língua materna e História do país? E promover o desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita em alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico?* Tínhamos ainda os seguintes objetivos de investigação: *Explorar a relação entre o estudo da língua materna e a História do país e Desenvolver competências em expressão/produção escrita a partir da exploração de banda desenhada.*

Assim, concebemos uma intervenção didática, em que recorremos a lendas relacionadas com episódios da História de Portugal para levar os alunos a produzir textos escritos narrativos e a convertê-los em banda desenhada.

Recorrendo a uma metodologia de investigação de índole qualitativa, baseada no estudo de caso, recolhemos dados relativos ao desempenho dos alunos em atividades de produção escrita e envolvendo o recurso à banda desenhada.

A análise de conteúdo dos dados recolhidos revelou que os alunos tinham efetivamente adquirido e desenvolvido competências em escrita associadas ao uso desse recurso.

Keywords

Writing; Comics; Teaching the mother tongue; History of Portugal; 6th grade.

Abstract

This study aimed to use comics to explore the relations between the study of the mother tongue and of the History of Portugal and to develop competencies in writing in pupils attending the 6th grade.

The project was supposed to help us find answers for the following research questions: *Can we use comics to identify relations between the study of the mother tongue and the History of the country? And to develop competencies in writing in pupils attending the 6th grade?* The research objectives were the following ones: *To explore the relation between the study of the mother tongue and the History of the country and To develop competencies in writing using comics.*

With this purpose, we conceived and applied a didactic intervention in which we used legends related to episodes of the History of Portugal to lead the pupils to writing narrative texts and converting them in comics. Using a qualitative research methodology based on case study, we collected data concerning the pupils' performance in situations involving writing narrative texts and converting them in comics.

The content analysis of these data revealed that the pupils had really developed competencies in writing related to the use of that resource.

Mots-clés

Écriture ; Bande dessinée ; Enseignement de la langue maternelle ; Histoire du Portugal ; Collège.

Résumé

Cette étude avait pour but d'utiliser la bande dessinée pour explorer les rapports entre l'étude de la langue maternelle et l'Histoire du Portugal et développer des compétences en écriture chez des élèves de sixième.

Le projet était guidé par deux questions de recherche : *Est-ce que l'on peut utiliser la bande dessinée pour identifier des rapports entre l'étude de la langue maternelle et l'Histoire du pays ? Et pour développer des compétences en écriture chez des élèves du collège ?* Il y avait aussi deux objectifs de recherche : *Identifier les rapports entre l'étude de la langue maternelle et l'Histoire du pays* et *Développer des compétences en écriture en ayant recours à la bande dessinée.*

Par conséquent, on a préparé une intervention didactique au cours de laquelle on a utilisé des légendes liées à des épisodes de l'histoire du Portugal pour amener les élèves à écrire des textes narratifs et à les transformer en bandes dessinées.

En ayant recours à une méthodologie de recherche de nature qualitative basée sur l'étude de cas, on a recueilli des données concernant la performance des élèves dans des activités d'écriture impliquant le recours à la bande dessinée.

L'analyse de contenu de ces données a révélé que les élèves avaient effectivement développé des compétences en écriture liées à l'utilisation de cette ressource.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. Problemática	1
2. Objetivos de investigação	2
3. Questões de investigação	2
4. Organização do relatório	2
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
CAPÍTULO 1 – A BANDA DESENHADA	7
1.1. Natureza e características da banda desenhada	7
1.1.1. Morfologia da banda desenhada	7
1.1.1.1. Elementos icónicos	8
1.1.1.2. Elementos linguísticos	9
1.1.1.3. Elementos mistos.....	10
1.1.2. Sintaxe da banda desenhada	11
1.2. A banda desenhada como recurso didático	13
1.2.1. No ensino e aprendizagem da língua materna.....	15
1.2.2. No ensino e aprendizagem da História de Portugal	17
CAPÍTULO 2 – A EXPRESSÃO/PRODUÇÃO ESCRITA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO 21	
2.1. Natureza e características da expressão/produção escrita.....	21
2.1.1. Operações	22
2.1.1.1. Planificação	23
2.1.1.2. Textualização	23
2.1.1.3. Revisão	25
2.2. Sua abordagem no 2º Ciclo do Ensino Básico.....	26

2.3. Sua relação com a banda desenhada	28
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	31
CAPÍTULO 3 – INTERVENÇÃO DIDÁTICA	33
3.1. Caracterização do contexto educativo e dos participantes	33
3.2. Descrição da intervenção didática	33
3.2.1. Terceira sessão.....	36
3.2.2. Quarta sessão	37
3.2.3. Quinta sessão.....	38
3.2.4. Sexta sessão	38
3.2.5. Décima primeira sessão	38
3.2.6. Décima segunda sessão	39
3.2.7. Décima terceira sessão	39
3.3. Metodologia de investigação.....	39
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	42
4.1. Relação entre História, lenda e mito	42
4.2. Desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita	47
4.2.1. Planificação e estrutura do texto narrativo.....	47
4.2.2. Textualização	48
4.2.3. Revisão, reescrita e melhoria.....	49
4.2.4. Narrativa em banda desenhada	51
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES	54
5.1. Conclusões	54
5.1. Relativas à relação entre História, lenda e mito.....	54
5.1.2. Relativas ao desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita	55

5.1.3. Relativas à narrativa em banda desenhada.....	56
5.2. Sugestões	57
5.2.1. Relativas à relação entre História, lenda e mito.....	58
5.2.2. Relativas ao desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita	58
5.2.3. Relativas à narrativa em banda desenhada.....	59
5.3. Reflexão final	60
5.4. Limitações do estudo	62
5.5. Sugestões para outros estudos.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXOS	67

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Aprendizagens essenciais em escrita para o 2º Ciclo do Ensino Básico	28
Quadro 2- Estrutura da intervenção didática.....	36
Quadro 3- Enunciados dos alunos relativos às lendas e mitos na História de Portugal	42
Quadro 4- Desempenho dos alunos relativo.....	43
Quadro 5- Enunciados dos alunos relativos às relações entre lenda, mito e História.....	44
Quadro 6- Desempenho dos alunos relativo às relações entre lenda, mito e História	46
Quadro 7- Desempenho dos grupos relativo à planificação de um texto narrativo.....	47
Quadro 8- Desempenho dos grupos na redação de um texto narrativo	48
Quadro 9- Desempenho dos grupos na reescrita e melhoria de um texto narrativo.....	50
Quadro 10- Desempenho dos grupos na elaboração de uma narrativa.....	52

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1- Planificações das sessões da intervenção didática	68
Anexo 2- Materiais das sessões.....	102
Anexo 3 - Registos fotográficos relativamente ao trabalho realizado na última sessão...111	

INTRODUÇÃO

1. Problemática

O presente relatório, intitulado *A banda desenhada e a História de Portugal: desenvolvimento da escrita no 2º Ciclo do Ensino Básico*, decorre do nosso interesse pelo universo da banda desenhada (BD) e da nossa curiosidade em ver como a poderíamos associar à História de Portugal, área curricular que apreciamos muito particularmente pelo que nos ensina sobre o passado do nosso país. Para a concretização deste projeto, tivemos em conta um trabalho sobre a BD realizado na unidade curricular de Teoria do Texto, no primeiro ano do mestrado que estamos a frequentar. Neste estudo, pretendíamos trabalhar a BD associada ao ensino do Português e da História de Portugal, partindo de mitos e lendas a ela associados.

Numa visão de índole mais profissional, decidimos abordar este tema devido à relação entre a BD e a divulgação de informação sobre episódios históricos. De facto, através da BD, podemos abordar episódios históricos (como, por exemplo, a descoberta do caminho marítimo para a Índia) para motivar alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico para duas áreas curriculares distintas, mas que se podem complementar. Além disso, parece-nos importante trabalhar a BD no 2º Ciclo do Ensino Básico, pois é uma maneira de dar a conhecer a origem de uma forma de arte importante em Portugal, apesar de não ter tanto mediatismo como noutros países (por exemplo, os EUA). Por outro lado, a BD tem bastante influência na cultura atual, pois está sempre presente no nosso dia a dia através de livros, revistas, jornais, que podem conter críticas sociais sobre diversos temas. Para além do que foi referido, é fundamental trabalhar a BD, porque é algo que acontece pouco no ensino, apesar de atualmente ser vista como um recurso didático a utilizar e inclusive como um género a abordar no ensino do Português. Usá-la como um recurso didático no ensino e aprendizagem da língua materna pode ser também uma forma de incutir nos alunos o gosto pela mesma.

Por fim, aliamos este tema à abordagem da expressão/produção escrita. Como forma de trabalhar este domínio da comunicação escrita na língua materna, surgiu a ideia de levar

os alunos a escrever um texto sobre uma lenda relacionada com factos da História de Portugal e transformá-lo numa BD, abrangendo as três operações de abordagem da escrita.

2. Objetivos de investigação

Com a implementação do nosso estudo, pretendíamos levar alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico a:

- Explorar a relação entre o estudo da língua materna e a História do seu país;
- Desenvolver competências em expressão/produção escrita a partir da exploração de banda desenhada.

3. Questões de investigação

Através do nosso estudo, pretendemos obter respostas para as seguintes questões de investigação:

- Será que a exploração da banda desenhada
 - *Permite abordar a relação entre o estudo da língua materna e a História do país?*
 - *Promove o desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita em alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico?*

4. Organização do relatório

Este relatório encontra-se dividido em duas partes, que englobam cinco capítulos.

A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico e apresenta dois capítulos. No primeiro, intitulado *A banda desenhada*, abordamos a natureza e características da BD, e refletimos sobre o papel que esta pode desempenhar como recurso didático no ensino e aprendizagem da língua materna e da História de Portugal. No segundo, intitulado *A expressão/produção escrita no 2º Ciclo do Ensino Básico*, refletimos sobre a natureza e características da expressão/produção escrita, a sua abordagem no 2º Ciclo do Ensino Básico e a sua relação com a produção de uma BD.

A segunda parte corresponde ao estudo empírico e apresenta três capítulos. No terceiro capítulo, intitulado *Intervenção didática*, caracterizamos o contexto educativo e os participantes, descrevemos as sessões da intervenção didática que estava no centro do

nosso projeto e apresentamos a metodologia de investigação usada no mesmo. No quarto capítulo, intitulado *Análise dos dados e interpretação dos resultados*, apresentamos e interpretamos os resultados da análise dos dados recolhidos relativamente à relação entre História, lenda e mito e às competências reveladas pelos alunos na escrita do texto narrativo e na construção de uma BD. Por fim, no quinto capítulo, intitulado *Conclusões e sugestões*, são apresentadas as nossas conclusões e sugestões sobre este estudo, algumas limitações que sentimos ao longo do processo e algumas sugestões para estudos futuros sobre este tema.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – A banda desenhada

1.1. Natureza e características da banda desenhada

A BD é uma forma de arte que une o texto e a imagem, que se combinam para atingir um objetivo frequentemente relacionado com contar uma história. É associada às artes plásticas e denominada nona arte e está associada a outras artes de forma significativa, o que é visível nas adaptações a desenhos animados e ao cinema, revelando a sua importância *“no mundo artístico e também junto da população”* (Pereira, 2017, p. 24).

Segundo Sá (1995, p. 230), a BD apresenta uma gramática muito própria, compreendendo uma *“morfologia”*, que corresponde *“ao conjunto dos elementos utilizados para a sua elaboração”*, e uma *“sintaxe”*, que corresponde *“à forma como esses elementos podem ser combinados entre eles”*.

Por conseguinte, é importante refletir sobre estes elementos, pois todos eles são relevantes para a construção da BD e o seu conhecimento permite ter um maior domínio da sua literacia.

1.1.1. Morfologia da banda desenhada

Segundo Sá (1995), a dimensão morfológica da BD inclui *elementos*, que podem ser:

- *Icónicos* – os que dizem respeito essencialmente a aspetos visuais;
- *Linguísticos* – os que dizem respeito aos aspetos verbais (isto é, o texto);
- *Mistos* – elementos que não são nem completamente icónicos, nem completamente linguísticos.

Logo, a leitura das histórias aos quadrinhos (outra designação dada à BD) é complexa, não devendo restringir-se ao texto. Isto é, na BD pode haver *“dois tipos de leitura: uma, global, que nos dá uma imagem de conjunto do que há para ler, seguida de uma outra, analítica, que nos permite decompôr esta globalidade nos pormenores que a constituem.”* (Sá, 1995, p. 231). De acordo com Sá (1995, p. 232), quando estamos a elaborar uma BD, pomos em prática diversas técnicas ligadas à pintura (por exemplo, a perspectiva) e ao cinema (por exemplo, os planos), que são usadas de forma original.

1.1.1.1. Elementos icónicos

Na BD, *“a imagem, (...) é normalmente designada pelo termo vinheta.”* (Sá, 1995, p. 231), que, geralmente, corresponde a um pequeno quadrado ou retângulo, que se integra uma unidade narrativa. No entanto, a vinheta pode adotar outras formas.

Geralmente, a vinheta necessita de se integrar num conjunto para fazer sentido, nomeadamente se se pretende contar uma história (embora uma vinheta isolada também possa fazer sentido).

Como construir uma vinheta é algo tão particular, a sua criação pode pôr em ação técnicas ligadas à pintura (cor e contraste, entre outras) e ao cinema (planos), fazendo um uso original de elementos destas duas artes.

As vinhetas podem constituir tiras. Jordi Vives (1991, in Pereira, 2017, p. 29) descreve a tira como *“uma franja horizontal ou vertical”* composta por várias vinhetas (geralmente três ou quatro). Segundo Pereira (2017, p. 30), *“este elemento da Banda Desenhada pode ainda ter um carácter humorístico”*. Significa isto que uma tira pode apresentar uma história completa, que acaba sempre com uma piada visual.

As vinhetas podem ainda associar-se em pranchas. A *prancha* corresponde a uma página composta por um número variável de vinhetas (geralmente, seis a doze). Quando se trata de narrar uma história, pode-se usar várias pranchas ou até uma só. No Ocidente, a leitura das pranchas faz-se da esquerda para a direita e de cima para baixo, mas noutras culturas a orientação de leitura é diferente. Segundo Pereira (2017, p. 29), *“o leitor deve ter em atenção se existe uma prancha anterior e/ou posterior, sendo um aspeto essencial para a compreensão de uma história.”*

Em relação aos planos, são vários os utilizados na BD:

- *Plano geral*, que representa a totalidade do cenário, surgindo *“quando temos uma panorâmica geral do lugar onde a ação se desenrola, na qual as personagens (se aí figurarem algumas) são reduzidas ao tamanho de pequenos pontos perdidos no horizonte”* (Sá, 1995, p. 232);

- *Plano de conjunto*, apresentando *“não só o espaço em que se desenrola a acção, mas também as personagens”* (Sá, 1995, p. 232);

- *Plano médio*, mostrando especificamente as personagens de pé” (Sá, 1995, p. 232), em corpo inteiro e se foca no desenrolar da ação e num ponto preciso;

- *Plano americano*, em que “as personagens são “cortadas” pelos joelhos, o que permite transmitir certos detalhes da acção” (Sá,1995. p. 232);

- *Plano aproximado*, em que “as personagens são “cortadas” pela cintura, o que revela as suas reacções e esconde o cenário” (Sá,1995. p. 232);

- *Grande plano*, destinado a “permitir apreender detalhes bastante finos das reacções das personagens (que são “cortadas” pelos ombros) ou ainda sublinhar o valor de um objecto ou de um movimento” (Sá, 1995. p. 232);

- *Muito grande plano*, destinado a “sublinhar a importância de uma personagem ou de um objecto.” (Sá,1995, p. 232).

Todos estes planos permitem fazer uma leitura da imagem que a vinheta da BD contém e desta forma compreender a mensagem implícita na mesma.

1.1.1.2. Elementos linguísticos

Para Sá (1995, p. 235), “o lado linguístico da banda desenhada é representado pelo texto, que, em maior ou menor quantidade, ocupa um certo espaço nas vinhetas”. Esse texto aparece sob a forma de legendas e cartuchos.

A *legenda* diz respeito a um texto, que pode figurar no canto superior esquerdo ou no canto inferior direito de uma vinheta e representa a voz do narrador “quando este pretende acrescentar informação, de modo a facilitar a compreensão da história” (Vieira, 2012, in Pereira, 2017, p. 32). Essa informação fornecida pelo narrador permite-nos situarmo-nos no espaço ou no tempo em que se desenrola a ação. Pode corresponder a uma palavra, uma expressão ou mesmo a um pequeno texto.

O *cartucho*, por seu lado, “corresponde a um texto inserido numa moldura retangular e intercalado entre vinhetas” (Vieira, 2012, in Pereira, 2017, p. 32). É geralmente utilizado para localizar a narrativa no espaço ou no tempo. Segundo Sá (1995), pode também relembrar momentos que precedem a ação em curso ou explicar uma elipse.

1.1.1.3. Elementos mistos

Quando falamos dos elementos mistos de uma BD, estamos a tratar dos que se encontram entre o icónico e o textual. É o caso de elementos como os balões e as onomatopeias. Segundo Sá (1996), há autores que apresentam estes elementos como sendo meramente textuais e não icónicos. A classificação destes elementos como mistos (entre o icónico e o textual) *“está relacionada com o facto de apesar destes constituintes possuírem texto, também possuem um carácter visual, como por exemplo no caso dos balões, que podem apresentar diferentes formas.”* (Pereira, 2017, p. 33).

Os balões são usados para transmitir o discurso das personagens. De acordo com Soares (2004, p. 19), *“contêm réplicas das personagens, constituindo o diálogo quase constante que atravessa toda a banda desenhada”*. Esse diálogo inclui o discurso direto. Além do diálogo, também surgem momentos de monólogo. Os balões podem ainda ser usados para exprimir os pensamentos das personagens.

Segundo Sá (1995, p. 236), a evolução dos balões é *“responsável pela multiplicação dos tipos de balões, que desempenham papéis diferentes no interior da banda desenhada. Estas diferentes formas modalizam a mensagem e traduzem o esforço do balão para representar o que as personagens dizem e a forma como o dizem.”*

Assim, para Sá (1995), podemos falar de balões verbais, balões não-verbais e balões mistos. Além disso, estes exibem diversas formas de acordo com vários parâmetros:

- Intensidade do som (por exemplo, balão de fala, de grito, de murmúrio);
- Estados emocionais das personagens (por exemplo, angústia, interrogação, zanga);
- Fontes emissoras do som (por exemplo, rádio, TV, computador).

Na BD, encontramos ainda *onomatopeias*, que correspondem a palavras através das quais a língua representa sons relacionados com pessoas, animais, objetos, fenómenos da natureza, etc. No contexto da BD, reproduzem *“sons do ambiente onde a ação decorre ou os sons produzidos pelas personagens que nela intervêm.”* (Sá, 1995, p. 237). Segundo Jordi Vives (1991, in Pereira, 2017, p. 34), esse texto que visualizamos nas onomatopeias *“representa efeitos sonoros, tais como: golpes, gritos, disparos, detonações, ruídos de quedas, barulho de automóveis, de motos, etc.”*. São desenhadas de forma expressiva recorrendo a componentes muito diversas como *“a forma, o tamanho, a cor e a disposição*

no espaço dos caracteres.” (Sá, 1995, p. 237). Segundo Zink (1997, in Pereira, 2017, p. 34), têm como papel fundamental difundir *“sensações e emoções através da combinação entre a expressividade sonora de um vocábulo e a sua estilização gráfica”*. Pode-se usar onomatopeias já existentes na língua ou, de acordo com Sá (1995, p. 237), é ainda possível *“inventá-las muito simplesmente ou então importá-las de outras línguas: o Inglês forneceu um número considerável de onomatopeias.”*

1.1.2. Sintaxe da banda desenhada

Segundo Sá (1995), a sintaxe da banda desenhada diz respeito à maneira como os seus elementos – icónicos, linguísticos e mistos – se relacionam entre si.

A sintaxe da banda desenhada assenta essencialmente nas relações entre a imagem e o texto. De acordo com Sá (1995, p. 238), estas *“tendem a tornar-se cada vez mais complexas, à medida que a banda desenhada evolui, devido ao papel cada vez mais importante atribuído à imagem na banda desenhada”*. Na BD, geralmente, *“a imagem e o texto completam-se mutuamente, referindo-se continuamente um ao outro. O sentido da mensagem é construído a partir desta constante implicação mútua.”* (Sá, 1995, p. 238). No entanto, pode haver momentos em que a imagem acaba por substituir completamente o texto. E já vimos que, por vezes, na BD, aparecem vinhetas que só apresentam texto: os *cartuchos*.

Segundo Sá (1995, p. 238), os elementos verbais na BD articulam-se *“segundo dois eixos: um eixo vertical, que corresponde às relações imagem/texto no interior de uma mesma vinheta, e um eixo horizontal, que designa as relações estabelecidas entre os textos das diferentes vinhetas que compõem uma história.”* Logo, as relações imagem/texto também desempenham um papel na construção da história, se a BD for narrativa.

A mesma autora (Sá, 1995, p. 239) afirma que, na BD, o texto desempenha dois tipos de funções relativamente à imagem:

- Uma função descritiva, associada a uma redução polissémica – que se manifesta quando a imagem veicula muitos sentidos que é necessário restringir – ou a um enriquecimento de significado – quando, pelo contrário, a imagem se revela demasiado pobre;

- Uma função narrativa, que se revela quando estamos perante imagens organizadas em sequências, ligando-as entre si e *“combinando, num sentido global, os sentidos parciais transmitidos por cada uma delas.”* (Sá, 1995, p.239).

As relações imagem/texto na BD assentam em vários tipos de imagens (Sá, 1995, p. 239):

- Imagens isoladas, geralmente usadas no início da história *“para apresentar uma personagem que o leitor já conhece muito bem ou então para reproduzir movimentos ou apresentar pormenores importantes”* (Sá, 1995, p. 239);

- Imagens ricas, que apresentam bastante polissemia e em relação às quais *“o texto deve desempenhar uma função de “ancrage”, isto é, um papel de concretizador de alguns dos sentidos que elas podem apresentar, convidando o leitor a desinteressar-se de outros”* (Sá, 1995, p. 239);

- Imagens insuficientes, isto é, *“demasiado ambíguas, demasiado elípticas, em relação às quais o texto desempenha um papel essencial, encarregando-se de apresentar os sentidos que elas não podem transmitir”* (Sá, 1995, p. 239); estas imagens aparecem em momentos considerados “especiais” servindo para *“resumir uma situação, explicar um encontro, fornecer informação de vários tipos ou explorar o que a personagem faz”* (Sá, 1995, p. 239).

As relações imagem/texto na BD assentam ainda em várias funções desempenhadas pelos elementos textuais (Sá, 1995, p. 240):

- De *ancrage* (ancoragem), situação em que, segundo Pierre Fresnault-Deruelle (in Sá, 1995, p. 240), *“le texte a dans une certaine mesure une fonction répressive. Il fixe un seul sens à une image volontiers polysémique. (...)”*;

- De *relais* (ligação), *“quando se recorre a uma legenda para ligar duas imagens que representam momentos da acção bastante afastados um do outro.”* (Sá, 1995, p. 240).

Referindo-se ainda ao papel desempenhado pelas relações imagem/texto na construção de uma BD, Sá (1995, p. 240) chama a atenção para a existência de um conflito *“entre a tendência para mostrar (ligada aos aspectos pictóricos, portanto à imagem) e a tendência para contar (associada aos aspectos narrativos e, portanto, predominantemente*

ao texto)”. É necessário alcançar o equilíbrio entre estas “duas tendências contraditórias”, que podem destruir a obra ou, pelo contrário, enriquecê-la (Sá, 1995, 241).

1.2. A banda desenhada como recurso didático

Segundo Lameiras, Boléo e Santos (1999, p. 89, in Pereira, 2017, p. 41) “a utilização da Banda Desenhada como instrumento pedagógico é bastante antiga, pois estava presente nos manuais escolares portugueses, desde os anos 20 do século XX”. No entanto, a BD nunca foi vista como um instrumento didático pedagógico relevante e até era considerada como “um mau elemento para os jovens” (Lameiras, Boléo e Santos, 1999, in Pereira, 2017, p. 41).

Este preconceito relacionado com a BD surgiu devido ao facto de se considerar o seu conteúdo como infantil e de esta ser frequentemente vista como “inimiga da verdadeira leitura” (Lameiras, Boléo e Santos, 1999, p. 89, in Pereira, 2017, p. 41). Segundo Pereira (2017), esta forma de encarar a BD decorre do facto de esta não ser conhecida, nomeadamente pelos professores. Por conseguinte, a ideia de que a BD não era um bom instrumento pedagógico para uma melhor aprendizagem de conteúdos pelos alunos decorre da falta de conhecimento que os professores apresentavam em relação a este género.

Pereira (2017) afirma que, atualmente, essas conceções negativas sobre a BD como instrumento pedagógico deixaram de ter relevância, tendo a mesma começado a ser mais usada pelos professores.

Segundo Palhares (s.d.), não é necessário haver qualquer regra para o uso da BD no ensino. Vergueiro (2004, p. 26 in Palhares, s.d., p. 11), referindo-se aos *quadrinhos*,¹ diz que “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”. Ainda segundo Palhares (s.d), como a BD se encontra facilmente nos meios de comunicação acaba por exercer alguma ação na educação dos alunos, tornando-se num recurso didático muito bem aceite pelos mesmos para ser trabalhado na sala de aula. A presença da BD em redes

¹ Este termo, usado atualmente no Português do Brasil para designar a BD, corresponde a uma abreviação da expressão *história em quadrinhos*. No Português europeu, a BD também pode ser designada por *histórias aos quadrinhos*.

socias, como o Facebook e Instagram – encarados pelos artistas que a criam como uma forma de divulgarem o seu trabalho junto de um público mais numeroso – também acaba por ter alguma ação na educação dos alunos.

Assim a BD pode converter-se num recurso didático que, se for bem empregue, pode ser benéfico: para os professores, porque usam um recurso didático com o qual os alunos já se encontram familiarizados; para os alunos, porque já têm conhecimento desse recurso podendo mostrar uma maior motivação perante o seu uso em sala de aula.

Além disso, segundo Palhares (s.d. , p. 11), a BD *“influencia a formação da criança”*, dado que o contacto que esta tem desde cedo com o mundo se faz *“através dos sons, das imagens e demais sentidos, dessa forma, passam a conhecer algo que oferece diferentes visões de mundo, cheia de ações, cores, fantasia, novos valores e que formula novos padrões de comportamento”*. O facto de a BD apresentar uma parte de imagem/texto ou só de imagens é relevante nessa influência, pois cada criança tem a sua própria visão do mundo e da realidade que a rodeia e retira as suas próprias conclusões consoante aquilo que ouve ou vê.

O uso da BD dentro ou fora da sala de aula auxilia no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo de qualquer disciplina, ou seja, este género pode-se trabalhar em diferentes áreas de conhecimento de forma que o aluno adquira uma maior compreensão do tema que está a ser abordado. É uma forma lúdica, criativa e simples de cativar os alunos sobre um tema em específico e também de despertar o interesse dos mesmos em querer descobrir mais sobre este género textual.

Assim sendo e de acordo com Palhares (s.d., p. 12), a BD acaba por entrar no meio escolar através de personagens de filmes, livros didáticos e temas que possibilitam o seu uso *“em diferentes áreas de conhecimento”* como recurso pedagógico.

A utilização da BD em contexto escolar promove o desenvolvimento dos alunos em muitos aspetos, tais como: a capacidade de observação, a imaginação e a expressão criativa (cf. Pereira, 2017); o pensamento crítico, o gosto pela leitura e o domínio lexical (cf. Oliveira, 2010); o processo de alfabetização visual, dado que composição da BD ajuda na interpretação do texto e da imagem, e a compreensão de conteúdos de diversas áreas de conhecimento (cf. Araújo *et al.*, 2008).

Todos estes aspetos podem levar os alunos a melhorar as suas capacidades de perceção daquilo que estão a observar, a criar uma opinião sobre o que estão a ler, pois muitas tiras ou BD contêm diversas críticas sobre a atualidade, e ainda gerar interesse por outras vertentes como a leitura, desenho e imaginação. Através da BD é possível redescobrir todo um novo mundo ligado à imagem, à fantasia, à escrita e ao desenho. É uma ferramenta que se pode tornar aliciante no mundo da educação, pois ajuda a expandir novos horizontes e a desenvolver novos gostos nos alunos.

Para que o recurso à BD resulte positivo, é necessário um uso produtivo e correto por parte do professor. Segundo Oliveira (2010, p. 79), *“a partir do momento em que o professor escolhe as histórias em quadrinhos como recurso para a sua aula, ele já deve ter em mente que não há modelos e padrões na construção de um plano de aula ou de uma sequência didática”*, só o bom senso.

O professor deve:

- Saber em que período pretende aplicar este recurso, dado que a BD pode ser empregue em qualquer fase do ensino;
- Determinar que objetivos pretende atingir;
- Planear as atividades a desenvolver.

Todos estes aspetos são importantes para que o recurso à BD como recurso didático seja vantajoso para o professor e também para os seus alunos.

Além disso, para que o professor possa usar adequadamente a BD, é essencial que conheça bem este género e seja criativo no seu uso.

Atualmente, em Portugal, já se recorre à BD como material didático em várias disciplinas, verificando-se que *“nos programas Curriculares do Ensino Público em Portugal, a Banda Desenhada faz parte integrante da aprendizagem das línguas e dos processos de comunicação”* (GICAV, 1991, p. 4 in Pereira, 2017, p. 42).

1.2.1. No ensino e aprendizagem da língua materna

No caso da área curricular de Português, responsável pelo ensino da língua materna, também se recomenda o seu estudo como género, *“com a introdução nos conteúdos de Português, do estudo da BD e da sua estrutura”* (Pessoa, 1979, p. 15 in Pereira, 2017, p.

42). A BD apresenta *“a linguagem como meio de comunicação”* (Araújo et al., 2008, p. 31) ao transmitir a sua mensagem ao leitor *“por meio da linguagem verbal – expressa a fala, o pensamento dos personagens, a voz do narrador e o som envolvido – e por meio da linguagem visual – no qual o leitor interpretará as imagens contidas”* (op. cit., p. 30).

Para que os alunos tenham um maior contacto com esta forma de comunicação, existem diversas formas de trabalhar a BD e apreender vários conteúdos associados ao ensino e aprendizagem da língua materna.

Através da BD é possível trabalhar o texto narrativo tendo em conta várias das suas características (Sá, 2016, p. 40):

“- Personagens, principais e secundárias (havendo também a possibilidade de surgirem figurantes) (2), caracterizadas de forma direta (pela imagem que as representa) e indireta (pelas palavras e pensamentos que lhes são atribuídos nos balões e pelas suas atitudes), podendo os mesmos meios ser usados para fazer a sua caracterização física e psicológica;

- Espaço, dado pela imagem e/ou apresentado por legendas/cartuchos;

- Tempo, construído a partir das deambulações das personagens (ilustradas pelas imagens das vinhetas) e/ou dado por legendas/cartuchos, podendo ser cronológico ou não;

- Ação, geralmente caracterizada por (cf. Giasson, 1993): uma situação inicial de equilíbrio; um acontecimento que instaura um desequilíbrio (problema ou complicação) e obriga as personagens a reagir, gerando peripécias; uma resolução, correspondendo normalmente (mas nem sempre) a um desenlace que restabelece o equilíbrio; uma moral, facultativa (tal como nos outros géneros narrativos)”.

A BD pode ainda ser usada para estudar conteúdos gramaticais como as onomatopeias, entre outros (Sá, 2016).

Pode ainda ser usada para desenvolver competências em compreensão na leitura e expressão/produção escrita. De acordo com Sá (2016, pp. 40-41), a exploração de BD permite *“trabalhar estratégias do leitor, tais como:*

- Na fase de pré-leitura, ativar conhecimentos prévios sobre o tema abordado no texto, fazer previsões/formular hipóteses e formular questões sobre o texto;

- Na fase de leitura, recorrer ao contexto para descobrir significados de

palavras/expressões desconhecidas, parafrasear excertos do texto, pensar em voz alta, fazer inferências, ler em voz alta as passagens que não se está a compreender, confrontar previsões com a informação recolhida durante a leitura e criar uma imagem mental do texto lido;

- Na fase de pós-leitura, fazer uma síntese do que foi compreendido, reler o texto várias vezes, consultar o dicionário (ou outras fontes de informação), tentar identificar as ideias principais do texto e o tipo/género textual.”

Por outro lado, ao criar textos de BD conseguimos trabalhar as três operações envolvidas na expressão/produção escrita: planificação, textualização e revisão.

Para finalizar, a BD é considerada como uma forma de comunicação presente no quotidiano da sociedade atual e, por isso, a comunidade em que vivemos e os professores deviam *“proporcionar às crianças e jovens os instrumentos e capacidades para despertar neles o espírito de responsabilidade pela escolha das suas leituras, oferecer-lhes a possibilidade de discutirem a BD, compreendê-la e julgar o seu valor”* (GICAV: 1991, p. 10 in Pereira, 2017, p. 42). Por conseguinte, Pereira (2017) considera que, para isto ser possível, é necessário que a escola divulgue a BD junto dos alunos e os encoraje a lerem álbuns de BD.

1.2.2. No ensino e aprendizagem da História de Portugal

Como já foi mencionado, a BD nunca foi vista como um bom recurso pedagógico pelos professores, porque estes tinham a ideia de *“que a sua aplicação no ensino pode trazer consequências prejudiciais ao desenvolvimento intelectual da criança”* (Cardoso & Solé, 2018, p. 721).

No ensino da História, a situação não era diferente: sempre existiu um preconceito para com o uso da BD. Porém, a sua utilização como recurso didático tem ganhado cada vez mais espaço na sala de aula devido ao seu caráter lúdico que pode levar a uma maior entrega, entusiasmo e participação por parte dos alunos. Ou seja, esta natureza recreativa presente na BD permite-lhe alcançar uma *“posição de prestígio na construção dos saberes.”* (Palhares, s.d., p. 12).

Segundo Palhares (s.d., pp. 12-13), na disciplina de História, a BD pode desempenhar

uma dupla função: *“servir tanto como fonte de pesquisa histórica quanto um novo recurso onde os alunos possam interpretar o passado. Essa última possibilidade tem um potencial bastante significativo, já que o passado nem sempre pode ser facilmente ordenado e compreendido por jovens estudantes. Dessa maneira, o texto escrito que geralmente oferece o estranho passado histórico pode ser compreendido de uma nova forma.”*

Segundo Cardoso & Solé (2018, p. 721), este recurso *“poderá desenvolver nos alunos várias competências”*. Muitas vezes, os alunos são confrontados com textos muito longos sobre acontecimentos históricos, gerando *“um clima de desmotivação para a exploração”* (Cardoso & Solé, 2018, p. 721). A BD acaba por *“ser um meio facilitador de estes fomentarem o seu conhecimento a partir da informação histórica patente nas histórias em quadrinhos”* (op. cit., pp. 721 e 722). No entanto, *“é preciso uma adaptação do conteúdo à forma, com o objetivo de criar empatia com o leitor e facilitar o envolvimento na narrativa histórica e nas personagens históricas ou factuais”* (Solé, 2013, p. 16 in Cardoso & Solé, 2018, p. 722). Para que o leitor possa compreender a BD, precisa de conhecer a sua gramática, *“para assim ter um maior domínio na literacia de Banda Desenhada”* (Cardoso & Solé, 2018, p. 722), dado que a leitura de uma BD não é tão simples como aparenta ser. Obviamente, o professor também deverá conhecê-la, para saber tirar proveito deste recurso didático.

No que diz respeito à leitura de uma BD e segundo Sá (1995, p. 348), são várias as dificuldades que se apresentam, de um modo geral *“ligadas à má percepção e interpretação dos elementos constitutivos da banda desenhada e das relações que se podem estabelecer entre eles”*. Algumas dessas dificuldades estão ligadas ao desenho, ao desconhecimento do texto (falta de diferenciação entre balões normais, de pensamentos e legendas), às vinhetas, ao espaço que existe entre as vinhetas (elipses), etc.

De acordo com Cardoso e Solé (2018, p. 722), para que os alunos desenvolvam o seu conhecimento histórico a partir da utilização da BD como recurso pedagógico na aula de História, é essencial a aplicação de *“uma “situação-problema” através do questionamento das ilustrações, que permite aos alunos alcançar a “primeira etapa da abordagem histórica”*. Desta forma, os alunos são capazes de desenvolver o seu pensamento crítico. Ou seja, como *“as BDs históricas apresentam uma visão histórica de um autor perante um*

acontecimento, e por isso essa interpretação pode conter algumas lacunas históricas” (Cardoso & Solé, 2018, p. 722), devemos levar os alunos a analisar o que estão a observar na BD e a refletir sobre a sua mensagem promovendo, desta forma, o seu pensamento crítico.

Para além disso, através da imagem podemos construir o conhecimento histórico nos alunos, pois, segundo Araújo, Costa e Costa (2008), ela pode situar-nos na época histórica a ser estudada e dar a conhecer vários aspetos desta (o vestuário da época, o tipo de arquitetura presente nos edifícios, a cultura, entre outros).

Solé (2011, pp. 369-370 in Cardoso & Solé, 2018, p. 723) cita mais alguns possíveis contributos do recurso a bandas desenhadas para a construção do conhecimento histórico no aluno: *“a conjugação do texto com a imagem é um elemento facilitador na linguagem e por consequência na aquisição do conhecimento histórico; Permite comparar factos históricos narrados na BD com posteriores pesquisas realizadas para aprofundamento de determinados conteúdos; Contribuem para a aquisição de conteúdos históricos e a aquisição de conceitos substantivos de uma forma lúdica, motivando-os para a aprendizagem da História, principalmente nos mais novos; Proporcionar o desenvolvimento de conceitos de segunda ordem como o tempo, mudança, explicação histórica, causalidade, significância e empatia histórica”*.

Para finalizar, falta só referir alguns fatores que o professor deverá ter em conta na escolha da obra que pretende trabalhar (Solé, 2013 in Cardoso & Solé, 2018, p. 723):

- “- O rigor científico ao nível do conteúdo histórico transmitido;*
- Os objetivos que se pretende alcançar;*
- O ano de escolaridade;*
- O conteúdo/tema a ser trabalhado”*

Em suma, o recurso à BD como material didático pode ser uma forma lúdica de desenvolver o gosto dos alunos pela disciplina de História e Geografia de Portugal.

Capítulo 2 – A expressão/produção escrita no 2º Ciclo do Ensino Básico

2.1. Natureza e características da expressão/produção escrita

A escrita é considerada como um processo complexo e, como referem Barbeiro e Pereira (2007, p. 5), *“a capacidade de produzir textos escritos constitui hoje uma exigência generalizada da vida em sociedade”*. Além da realização de atividades de *“produção textual, a sociedade reforça cada vez mais a necessidade”* de os indivíduos *“demonstrarem capacidades de escrita”* (Barbeiro & Pereira, 2007, p. 5).

De acordo com estes dois autores (Barbeiro & Pereira, 2007, p.5), a escola é responsável por dar ferramentas aos alunos que os tornem capazes de criar textos escritos, o que implica o desenvolvimento de três competências:

- Competência compositiva, ou seja, a competência relativa à forma de combinar expressões linguísticas para formar um texto;
- Competência ortográfica, ou seja, a competência relativa às normas que estabelecem a representação escrita das palavras da língua;
- Competência gráfica, ou seja, a competência relativa à capacidade de inscrever num suporte material os sinais em que assenta a representação escrita.

Dada a complexidade da produção textual, a sua prática deve ser introduzida logo no 1º Ciclo do Ensino Básico. A complexidade da escrita manifesta-se na dificuldade em criar e realizar atividades dessa natureza, que decorre do facto de o processo envolver fatores de natureza cognitiva, emotiva e social.

Para Barbeiro e Pereira (2007), o ambiente e o contexto com o qual os alunos estão em contacto são imprescindíveis para o processo de criação e produção de atividades de escrita. Significa isto que a *“criação de um ambiente favorável à superação dos problemas encontrados na escrita, tanto pela colaboração do professor e dos colegas, como pela valorização das conquistas efectuadas, permitirá que cada aluno vivencie recompensas emocionais, ou seja, obtenha uma satisfação que o incentive a escrever os seus textos tanto os sentimentos e emoções que os alunos vivem durante a realização de atividades escritas.”* (op. cit., p. 14). Já o produto escrito está mais ligado ao contexto: *“as experiências*

gratificantes estão ligadas sobretudo à partilha e à realização de funções. Para essas partilha e realização de funções, é necessário que o texto do aluno esteja integrado num contexto no qual adquira valor. Deste modo, os fatores emocionais ligam-se aos fatores sociais. Os contextos sociais constituem fontes de emoções gratificantes ligadas à escrita, quando permitem a participação dos alunos na sua comunidade.”

2.1.1. Operações

É igualmente importante que os alunos compreendam que o ato de escrever implica três componentes.

Yves Reuter (1996, citado por Sá, 2018, p. 15) caracteriza estas três operações:

- A *planificação*, que é responsável pela conceção do texto (isto é, pela ativação, na memória, das informações pertinentes para a sua elaboração), pela sua organização (ou seja, pela ordenação e hierarquização das informações ativadas) e ainda pela sua adequação ao público a quem se destina;

- A *textualização*, ligada à redação propriamente dita, responsável pela gestão dos constrangimentos textuais globais e locais, que asseguram a coerência e a coesão do texto produzido;

- A *revisão*, que conduz à releitura crítica do texto produzido, à deteção dos problemas que o texto comporta e à sua resolução.

Sá (2018, p. 15) refere que as três operações *“podem repetir-se e surgir em ordens diferentes, o que aumenta as possibilidades de interação entre elas.”*

A mesma autora (*op. cit.*, p. 26) chama a atenção para o facto de que a leitura e o processo de compreensão a ela associado *“influenciam diretamente o desempenho dos alunos na expressão e produção escrita e que, da mesma forma, a prática da escrita pode influenciar o desempenho em compreensão na leitura.”* Para Sá (2013, p. 11), a leitura e a escrita influenciam-se mutuamente e os dois processos estão ligados por elementos de natureza cognitiva, psicológica e cultural, pelo que *“a sua aprendizagem é facilitada quando as competências associadas a cada um deles são trabalhadas em simultâneo.”*

A interseção da leitura e da escrita manifesta-se com mais ênfase na fase final da produção de um texto, quando o respetivo autor faz a sua revisão e reescrita, visando a sua

melhoria. Por conseguinte, Sá (*op. cit.*, p. 13) considera que *“escrever um texto é um processo em constante evolução, sujeito a modificações que atingem as suas diferentes etapas, e também um trabalho colaborativo.”*

2.1.1.1. Planificação

É considerada como a primeira fase do ato de escrever e das mais importantes, implicando a reflexão sobre o público a que nos vamos dirigir.

Segundo Barbeiro e Pereira (2007, p. 18), é na fase da planificação que se selecionam elementos fundamentais para o processo da escrita, como *“estabelecer objetivos e antecipar efeitos, para activar e seleccionar conteúdos, para organizar a informação em ligação à estrutura do texto, para programar a própria realização da tarefa.”* Ou seja, há que definir muito bem os objetivos e seleccionar os conteúdos para a elaboração de um texto com sentido, sem nunca esquecer o público-alvo do mesmo.

2.1.1.2. Textualização

Consiste essencialmente na criação de um texto coerente e coeso.

De acordo com Barbeiro e Pereira (2007, p. 18), a fase da textualização *“é dedicada à redação propriamente dita, ou seja, ao aparecimento das expressões linguísticas que, organizadas em frases, parágrafos e eventualmente secções, hão-de formar o texto.”*

Nesta etapa, manifestam-se três constituintes relevantes para a elaboração de um texto:

- *Explicitação de conteúdo*, que retoma as ideias que foram inicialmente planificadas, para as apresentar de forma clara a fim de que o leitor as compreenda;

- *Formulação linguística*, que corresponde à *“explicitação de conteúdo”* com ligação às particularidades da expressão escrita;

- *Articulação linguística*, etapa cujo objetivo essencial é ligar frases, *“estabelecendo relações de coesão linguística e de coerência lógica.”*

No processo de redação de um texto, é determinante haver coerência, coesão e também adequação do discurso, pois todos estes mecanismos linguísticos são essenciais para criar textos com sentido e adequados ao contexto.

Para Koch (2001), a *coerência* cria-se a partir da interação entre o texto e os seus utilizadores e está ligada a aspetos de natureza linguística, interativa e sociocognitiva e não apenas a meros traços do texto. Caracteriza-se pela lógica e pela coesão, que ocorrem quando uma série de ideias apresenta organização, nexos e uniformidade. Logo, possibilita a compreensão da mensagem transmitida, pois, quando um texto é coerente, o interlocutor aprende o seu sentido, sem que haja dúvidas e paradoxos acerca do assunto.

De acordo com Figueiredo (2006, p. 74), “*a coerência exige que se abordem os enunciados como discursos. Cada enunciado é produzido com a intenção de comunicar alguma coisa a alguém.*” O objetivo é haver um saber partilhado entre o interlocutor e o locutor. A incoerência dos enunciados acontece quando apresentamos ideias contraditórias, ou seja, não respeitamos o conhecimento que temos do mundo e dos factos. No entanto, muitas vezes, a coerência de um texto não decorre só do conhecimento do tema sobre o qual ele versa, mas também do uso correto dos tempos verbais que afeta a relação com o interlocutor e o seguimento do sentido, logo também a compreensão do texto escrito produzido.

A coerência depende das relações de sentido entre as palavras usadas, que são condicionadas por três princípios (Tavares, 2012):

- O princípio da *não-tautologia*, que ocorre quando o interlocutor percebe a representação de situações que estão coerentemente relacionadas entre si;
- O princípio da *não contradição*, que evita a repetição desnecessária das ideias, deixando a lógica do texto fluir;
- O princípio da *não redundância*, que ocorre quando não é usado o mesmo termo frequentemente, o que torna o texto mais compreensível.

Enquanto a coerência está mais relacionada com o sentido global que se pretende transmitir, a coesão decorre “*da união correta entre as diferentes frases que integram o texto, através do uso dos elementos gramaticais e lexicais adequados.*” (Pereira, 2009, p. 2). Assim, a coesão textual, diz respeito a uma utilização correta das junções gramaticais e conectivas, que possibilitam a união harmoniosa entre as frases, orações, palavras, períodos e parágrafos de um texto, tornando-o agradável à leitura e facilitando a sua compreensão.

Segundo Tavares (2012), a coesão textual depende de cinco mecanismos:

- *Referencial*, que ocorre quando uma expressão/termo que já foi mencionado no texto é retomado por meio de outra expressão/termo, que o substitui;
- *Frásica*, que ocorre quando se mantém a coesão entre os diferentes elementos de uma frase;
- *Interfrásica*, que ocorre quando se usa conectores frásicos para manter a interdependência das frases num texto;
- *Temporal*, que ocorre quando se mantém a coerência das situações temporais;
- *Paralelismo estrutural*, que ocorre quando se constrói frases e elas se repetem simetricamente.

Desta forma, um texto coeso consegue guiar a ideia inicial até ao fim, sem que esta se perca na mensagem que a pessoa pretende transmitir.

Por fim, para que a comunicação escrita assegure uma clara compreensão da mensagem que se pretende transmitir, é preciso haver adequação.

Segundo Figueiredo (2006, p. 73), esta é:

uma propriedade da textualidade que dá conta da relação do texto e do seu contexto e de como o texto, como unidade comunicativa, se interpreta em relação a uma série de elementos extralinguísticos como sejam os interlocutores, a relação entre ambos, o espaço e o tempo da enunciação, a intenção comunicativa, o mundo compartilhado, o papel e o lugar social.

É ainda essencial o uso do registo linguístico adequado para comunicar com alguém dependendo do contexto em que o produtor do texto e o seu recetor estão inseridos. Ou seja, a linguagem sofre alterações de acordo com o assunto, ambiente, interlocutor e intencionalidades.

2.1.1.3. Revisão

A revisão corresponde à retificação do texto produzido. Na etapa da textualização, ou seja, durante a própria redação do texto, já é possível aplicar a última das três operações da escrita. Significa isto que *“esta componente pode atuar ao longo de todo o processo, por*

exemplo, em articulação com a textualização, o que não retira o lugar e o papel da revisão final.” (Barbeiro e Pereira, 2007, p. 19).

Ainda de acordo com estes autores (Barbeiro & Pereira, 2007), é na revisão que realizamos a leitura do texto elaborado, analisamos o mesmo e fazemos alterações, se tal parecer necessário. Por conseguinte (Barbeiro & Pereira, 2007, p. 19), *“A revisão surge (...) ligada à planificação inicial, pelo confronto com os objetivos e organização então estabelecidos, mas não se encontra necessariamente limitada ao plano inicial, devido ao carácter transformador do próprio processo.”* O aluno compara o texto escrito com os objetivos que propôs na planificação inicial e reformula-o, se tal lhe parecer necessário para uma melhor compreensão do mesmo por parte do seu leitor (ou dos seus leitores).

Carvalho (2012, p. 48) considera que a revisão *“pode ocorrer em qualquer momento do processo de escrita, dando, eventualmente, origem a novos ciclos de planificação e redação.”* Desta forma, o processo de reescrita e melhoria de partes do texto *“depende da avaliação que for feita, da reflexão realizada, do tempo disponível e da existência de alternativas.”* (Barbeiro & Pereira, 2007, p. 19). Ao realizarmos a reescrita do texto, pode ocorrer o princípio de um texto diferente, mas mantendo sempre as características do texto inicial.

2.2. Sua abordagem no 2º Ciclo do Ensino Básico

Ao longo do 1º Ciclo do Ensino Básico, os alunos vão melhorando e aprofundando as suas capacidades de escrita.

Segundo Barbeiro, Batista e Viana (2011, p. 35), quando iniciam o seu percurso escolar, os alunos já se fazem acompanhar de alguns conhecimentos sobre a escrita – por exemplo, ligados à representação de algumas letras – e muitos *“consideram mesmo que já escrevem, ainda que não se sintam capazes de ler.”* No entanto, *“preparar a aprendizagem da escrita implica consciencializar o aluno de que os seus registos devem obedecer a determinadas características gráficas para que possam ser lidos e partilhados e cumprir assim a sua função no processo comunicativo.”* (op. cit., p. 105). Cumprir determinadas regras quando elabora os seus documentos escritos, criando produções textuais coesas e coerentes, vai permitir ao aluno transmitir uma mensagem de forma compreensível para o

seu público.

No início do 2º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de Português, os alunos vão ter a oportunidade de pôr em prática o que aprenderam sobre a escrita no 1º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvendo ainda mais as suas competências neste domínio da comunicação em língua materna.

Nas *Aprendizagens Essenciais de Português do Ensino Básico* (Ministério da Educação e Cultura, 2018, p. 3), é referido o grande objetivo no que diz respeito ao domínio da escrita: *“é esperado que, no final do 2º ciclo, os alunos tenham atingido o domínio de processos, estratégias, capacidades e conhecimentos para escrita de textos de diversos géneros com vista a uma diversidade de objetivos comunicativos, com organização discursiva adequada, diversidade e propriedade vocabular, correção linguística e correção ortográfica.”*

Especificando o que pressupõe este objetivo geral, refere-se também que, no domínio da escrita, é esperado que os alunos desenvolvam vários conhecimentos, capacidades e atitudes (Ministério da Educação e Cultura, 2018, pp. 10-11)

No que diz respeito ao 5º e 6º ano de escolaridade e às três operações de escrita, o aluno deve ser capaz de:

Ano de escolaridade	Operação da escrita	Desempenhos esperados
5º ano	Planificação	Planificar a escrita por meio do registo de ideias e da sua hierarquização.
	Textualização	Escrever textos organizados em parágrafos, de acordo com o género textual que convém à finalidade comunicativa. Escrever com respeito pelas regras de ortografia e de pontuação.
	Revisão	Aperfeiçoar o texto depois de redigido.
6º ano	Planificação Textualização	Utilizar sistematicamente processos de planificação, textualização e revisão de textos.

	Revisão	Utilizar processadores de texto e recursos da Web para a escrita, revisão e partilha de textos. Redigir textos de âmbito escolar, como a exposição e o resumo.
--	---------	---

**Quadro 1 – Aprendizagens essenciais em escrita para o 2º Ciclo do Ensino Básico
(Fonte: Ministério da Educação e Cultura, 2018)**

Concluindo, como é recomendado no *Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória* (Martins *et al.*, 2017), o ensino e aprendizagem da língua portuguesa nos vários anos de escolaridade visam desenvolver diversas competências essenciais para a realização coletiva e individual de cada aluno e para o exercício de uma cidadania consciente e interventiva. Uma maior proficiência em comunicação escrita (e também oral) na sua língua materna (neste caso, o Português) é entendida como fator de realização, de comunicação, de fruição estética, de educação literária, de resolução de problemas e de desenvolvimento do pensamento crítico.

2.3. Sua relação com a banda desenhada

O recurso à BD como material didático permite ao professor trabalhar vários conteúdos relacionados com o ensino da Língua Portuguesa (como a estrutura do texto narrativo e alguns aspetos de gramática). Também pode contribuir para o desenvolvimento de competências em comunicação verbal, nomeadamente em expressão/produção escrita.

Através da BD é possível motivar os alunos para a leitura e a escrita e, segundo Sousa (2016, p. 26), *“proporcionar-lhes uma chave para o acesso a outras aprendizagens e o desenvolvimento de competências essenciais na vida quotidiana”*.

Sá (2000, p. 4) considera que, sendo a BD um dos tantos géneros que fazem parte do quotidiano dos alunos, *“já é tempo de os professores de Português se aperceberem da riqueza da banda desenhada como material didático, partindo mesmo do princípio de que ela não é mais fácil de trabalhar do que os outros textos”*

A mesma autora (Sá, 2000. p. 4) ainda refere que, apesar dos professores já usarem a BD como material didático para abordar as categorias da narrativa, alguns termos relacionados com a mesma e alguma gramática, seria importante que a explorassem de

modo a *“dar a conhecer aos jovens alunos as características de um texto que eles leem habitualmente”*. Esta forma de abordar a BD traria aos alunos conhecimento sobre a sua natureza.

Também segundo Sá (2000, p.4), já é tempo de se *“estabelecerem definitivamente pontes entre a banda desenhada e as outras formas de discurso estudadas na aula de Língua Materna”* e, assim, levar os professores a adquirirem um uso mais dinâmico deste recurso didático.

De acordo com Sá (2016, p. 41):

a produção de textos de BD permite trabalhar estratégias de escrita, tais como (Barbeiro & Pereira, 2007):

- A planificação, que pressupõe mobilizar conhecimento prévio, adequar o tipo/género textual às finalidades da comunicação, caracterizar a situação de comunicação e selecionar informação pertinente e ainda organizá-la e hierarquizá-la;
- A textualização, que implica ter em conta aspetos como o vocabulário, a coerência, a coesão, a pontuação e a ortografia;
- A revisão, ligada à reescrita e melhoria do texto, que pode abranger todos os aspetos anteriormente referidos (para além das características específicas da BD).

Para a mesma autora (Sá, 2000, p. 5), é possível criar atividades aliciantes para os alunos, sem dispensar o uso das três operações de escrita referidas acima, tais como, por exemplo: *“reescrever uma história de banda desenhada sob a forma de uma narrativa convencional. Tal atividade tem, por um lado, a utilidade de levar os alunos a aperceberem-se do modo de funcionamento da narrativa em geral e ainda das diferenças que separam estes dois tipos específicos de narrativa.”*

Logo, a reescrita de textos leva o aluno ao desenvolvimento da competência escrita tendo em conta vários aspetos tais como a ortografia, a pontuação e ainda a organização sintática, semântica e pragmática do discurso (cf. Sá, 2000). Este exercício leva *“à articulação do ensino da gramática com o ensino da escrita, levando os alunos a refletir sobre a importância de determinadas categorias gramaticais e as funções textuais que*

estas desempenham.” (op. cit., p. 5). Ainda segundo Sá (2000, p. 6), um caso que podemos referir é o dos conectores, “que, como já vimos em relação à leitura, desempenham um papel importantíssimo na banda desenhada, aparecendo normalmente em destaque nas legendas.”

Assim, a utilização da BD como recurso didático e *“com estas finalidades contribuirá para a ligar mais intimamente às atividades que se devem realizar na aula de Língua Materna, fazendo com que ela deixe de ser encarada como um corpo estranho introduzido no universo escolar”* (Sá, 2000, p. 5).

A abordagem didática da BD através deste projeto será adequada, pois vai levar os alunos a ter uma ideia da natureza deste género textual e das suas características, o que vai facilitar o trabalho em torno das três operações de escrita.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 3 – Intervenção didática

3.1. Caracterização do contexto educativo e dos participantes

O nosso projeto foi desenvolvido numa Escola Básica 2/3 integrada no Agrupamento de Escolas de Aveiro. Esta escola destina-se a todos os ciclos do Ensino Básico, sendo frequentada por turmas do 1º ao 9º ano de escolaridade.

O nosso projeto foi implementado numa turma do 6º ano de escolaridade constituída por 20 alunos, com uma média de idades de 11 anos, sendo 14 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Todos eram de nacionalidade portuguesa.

A turma incluía dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Um apresentava dislexia, ou seja, dificuldades na comunicação oral e na organização escrita, tendo sido implementadas algumas Medidas Seletivas, depois de terem sido identificadas as medidas de suporte à aprendizagem e inclusão que seriam necessárias. O outro aluno apresentava uma Perturbação no Desenvolvimento Intelectual, pelo que beneficiou de algumas sessões de terapia da fala durante a frequência do 1º Ciclo do Ensino Básico. Durante este ano letivo (2020-2021), foram-lhe aplicadas Medidas Seletivas, que complementam as Medidas Universais.

De um modo geral, os elementos desta turma eram motivados e empenhados, mas tinham alguma dificuldade em cumprir as regras de sala de aula. Este tipo de atitude comprometia o seu aproveitamento, pois os docentes sentiam a necessidade de interromper constantemente as aulas para chamar a sua atenção.

A sala de aula era pequena, porém arejada e acolhedora e dispunha de muita luz natural. Estava equipada com uma secretária para a professora, dois quadros de giz, um quadro branco e um quadro interativo, todos com iluminação. Dispunha ainda de um computador e de um projetor, que permitiam projetar imagens/vídeos, tornando as aulas mais dinâmicas e interativas.

3.2. Descrição da intervenção didática

A intervenção didática que está no centro deste projeto foi estruturada em conjunto com a nossa colega de diáde e a nossa orientadora institucional, tendo sido depois

discutida com a professora cooperante.

Como os temas dos nossos projetos eram complementares, planeamos em conjunto com a nossa colega de diáde uma intervenção didática que compreendia 13 sessões. No quadro abaixo, apresentamos a intervenção didática e destacamos as sessões que seriam da nossa responsabilidade.

Sessões	Atividades
1	Introdução à obra <i>Ulisses</i> : <ul style="list-style-type: none">- Diálogo sobre o protagonista da narrativa- Diálogo sobre a autora da obra- Apresentação e exploração de um PowerPoint sobre a autora- Contextualização histórica da obra- Consciencialização para a leitura da obra
2	Lenda e mito: <ul style="list-style-type: none">- Exploração da lenda <i>Bicha das 7 cabeças</i> a partir de um vídeo e através de um diálogo com os alunos- Exploração do <i>Mito de Prometeu</i> a partir do respetivo texto e através de um diálogo com os alunos- Comparação de lenda e mito- Elaboração de um quadro síntese
3	Revisão das definições de lenda e mito e das suas características Diálogo sobre lendas e mitos na História de Portugal Registo de um esquema no caderno diário
4	Exploração da lenda <i>Amendoeiras em flor</i> a partir de um vídeo e através de um diálogo com os alunos Exploração do mito <i>O Adamastor</i> a partir de um vídeo e através de um diálogo com os alunos Elaboração de um quadro síntese sobre a relação entre História, lendas e mitos
5	Apresentação e exploração de um PowerPoint sobre o texto

	<p>narrativo</p> <p>Produção escrita relativa a uma lenda da História de Portugal (planificação e redação/textualização)</p>
6	<p>Produção escrita relativa a uma lenda da História de Portugal (reescrita e melhoria a partir da revisão feita pelas professoras estagiárias)</p>
7	<p>Exploração da obra <i>Ulisses</i>:</p> <p>- Trabalho de pesquisa em torno da obra (em grupos de 4 alunos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo 1 – Autora e protagonista da narrativa • Grupo 2 – Mito ou lenda? Porquê? • Grupo 3 – Personagens da obra • Grupo 4 – Síntese da obra (episódios 1 a 4) • Grupo 5 – Síntese da obra (episódios 5 a 10)
8	<p>Exploração da obra <i>Ulisses</i>:</p> <p>- Trabalho de pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação oral dos resultados da pesquisa pelos elementos dos grupos • Discussão da informação recolhida e da sua importância para o estudo da obra
9	<p>Exploração da obra <i>Ulisses</i>:</p> <p>- Autoavaliação dos alunos face à primeira apresentação oral</p> <p>- Apresentação e discussão da grelha de avaliação das apresentações orais a utilizar pela professora estagiária</p> <p>- Estudo de um episódio a partir de algumas pranchas de BD [<i>Ulisses e as sereias</i>]</p> <p>- Trabalho de pesquisa (casa):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de informação em torno do tema “sereias” (filmes, lendas, contos, mitos, livros, canções, doença genética, etc.)
10	<p>Exploração da obra <i>Ulisses</i>:</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Compilação (em grupos de 4 elementos) das pesquisas realizadas individualmente pelos alunos - Preparação da segunda apresentação oral - Apresentação oral dos resultados da pesquisa feita pelos elementos de cada grupo sobre o tema “sereias”
11	Produção escrita relativa a uma lenda da História de Portugal (reescrita e melhoria a partir da revisão feita pelas professoras estagiárias)
12	Apresentação e exploração de um PowerPoint sobre a natureza e características da BD Produção escrita de uma narrativa em BD a partir do texto escrito pelo grupo
13	Continuação da produção escrita de uma narrativa em BD a partir do texto escrito pelo grupo

Quadro 2 – Estrutura da intervenção didática

Em anexo a este relatório, apresentamos as planificações referentes às nossas sessões (cf. Anexo 1), os recursos didáticos utilizados em cada sessão (cf. Anexo 2) e as fotografias tiradas durante a última sessão (cf. Anexo 3).

Passamos agora a descrever as nossas sete sessões da intervenção didática conjunta.

3.2.1. Terceira sessão

Começamos por relembrar com os alunos as definições de lenda e mito e as características destes dois géneros textuais, assunto anteriormente abordadas pela nossa colega de d'ade, recorrendo a um diálogo apoiado em algumas questões.

De seguida, iniciamos outro diálogo com os alunos sobre lendas e mitos da História de Portugal apoiado numa questão orientadora centrada no porquê de Portugal ser um país rico nestas manifestações da tradição literária oral de origem popular.

Por fim, para fazer uma síntese do diálogo mantido com os alunos, registamos no quadro um esquema sobre lendas e mitos na História de Portugal, que estes transcreveram para os respetivos cadernos diários.

3.2.2. Quarta sessão

Nesta sessão, começamos por explorar a *Lenda das amendoeiras em flor* a partir do visionamento de um vídeo. Em seguida, realizamos um diálogo com os alunos sobre o mesmo através de questões orientadoras.

Após termos explorado uma lenda relacionada com a História de Portugal, abordamos e exploramos o mito do *Adamastor*. Primeiramente, visualizamos um vídeo sobre o mesmo e, em seguida, dialogamos com os alunos a partir de algumas questões orientadoras.

Posteriormente, apresentamos um vídeo em 3D sobre o episódio do Canto V d'Os *Lusíadas* intitulado *O Gigante Adamastor*. Pretendíamos que os alunos percebessem que este mito simboliza os perigos que os portugueses enfrentaram na viagem marítima até à Índia, utilizando metaforicamente o amor não correspondido entre o Gigante Adamastor e a ninfa Tétis.

A visualização da lenda e do mito tinha como objetivo mostrar aos alunos duas narrativas – uma lenda e um mito – que fazem parte da História do nosso país, dado que na sessão anterior tínhamos dinamizado um diálogo com os mesmos sobre lendas e mitos na História de Portugal.

Por fim, em conjunto com os alunos, elaboramos um quadro-síntese sobre a relação entre História, lendas e mitos. Posteriormente, os alunos transcreveram-no para o caderno diário.

Esta atividade correu bem, mas os alunos tiveram dificuldades em relacionar a História de Portugal com lendas e mitos e concentraram-se mais na referência às suas características do que na apresentação das diferenças entre eles.

3.2.3. Quinta sessão

Nesta sessão, através de um diálogo apresentamos aos alunos a atividade que iam desenvolver. Assim sendo, começamos por relembrar com eles vários conceitos-chave sobre o texto narrativo a partir da visualização de um PowerPoint e da sua exploração com base em algumas questões orientadoras.

De seguida, dividimos a turma em cinco grupos de quatro elementos cada um. Posteriormente, pedimos-lhes que fizessem uma pesquisa sobre a lenda que iriam relatar e fornecemos-lhes um guião para apoiar esse trabalho (cf. Anexo 2). A pesquisa centrou-se numa lenda relacionada com a História de Portugal selecionada pelas professoras estagiárias: *O milagre das rosas*.

3.2.4. Sexta sessão

Esta sessão iniciou-se com os alunos a organizarem-se nos grupos já definidos na sessão anterior.

De seguida, os grupos reuniram toda a informação sobre a lenda *O milagre das rosas* que tinham encontrado com o apoio do guião disponibilizado.

Depois, cada grupo procedeu à planificação e redação de um texto relativo à lenda com auxílio de uma ficha disponibilizada (cf. Anexo 2).

Todos os alunos participaram no trabalho do seu grupo e tudo correu bem, apesar de haver opiniões muito distintas, quando tiveram de selecionar a informação mais relevante entre a que tinham reunido sobre a lenda.

3.2.5. Décima primeira sessão

Nesta sessão da nossa parte da intervenção didática, cada grupo de trabalho procedeu à reescrita e melhoria do seu texto a partir da respetiva revisão.

Desta forma, começamos por entregar a cada grupo o seu texto revisto pelas professoras estagiárias. Sob a nossa orientação, os grupos deveriam analisar as notas relativas à revisão do respetivo texto e, de seguida, proceder à sua reescrita e melhoria.

3.2.6. Décima segunda sessão

Iniciamos a penúltima sessão com um diálogo com os alunos sobre a natureza e características da banda desenhada a partir da visualização e exploração de um PowerPoint. Pretendíamos que percebessem como se estrutura uma BD para procederem à realização da atividade seguinte.

Por último, cada grupo começou a realizar uma BD a partir do texto que tinha escrito sobre a lenda *O milagre das rosas* (cf. Anexo 3).

3.2.7. Décima terceira sessão

Na última sessão, os grupos continuaram a elaborar uma BD a partir dos textos que tinham escrito sobre a lenda *O milagre das rosas*.

Durante a construção da BD, os alunos mostraram muito empenho, entusiasmo e bastante envolvimento para atingirem um bom resultado. Para além disso, em cada grupo foi possível ver a entreatajuda que existiu, principalmente na parte relativa ao desenho. Também foi solicitada diversas vezes a nossa ajuda para relembrar os tipos de planos e os balões que tinham sido mencionados na sessão anterior.

Por último, depois de concluída a BD, cada grupo procedeu à colagem da mesma numa cartolina.

3.3. Metodologia de investigação

A concretização do presente estudo permitiu-nos obter repostas para as nossas questões de investigação e perceber se atingimos os objetivos formulados.

Para atingirmos essas finalidades, recorreremos a uma metodologia de investigação centrada no estudo de caso.

Para Yin (2001, p. 32), o estudo de caso “*é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos.*” Este método de estudo de caso deve ser utilizado, principalmente, quando o contexto em causa é relevante para o fenómeno em estudo.

O mesmo autor (*op.cit.*, pp. 32-33) refere que a investigação baseada no estudo de caso *“enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.”* Ou seja, o estudo de caso é um método de pesquisa bastante abrangente. Para além disso, num estudo de caso, a perspetiva qualitativa é a mais usual, mas, segundo Yin (*op. cit.*, p. 33), *“a estratégia de estudo de caso não deve ser confundida com “pesquisa qualitativa”, dado que os estudos de caso “podem incluir, e mesmo ser limitados às evidências quantitativas.”* (Yin, 2001, p.33).

Para outros autores como Minayo (2002, p. 22), *“o conjunto de dados quantitativos e qualitativos [...] não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.”*

A verdade é que existem diferentes métodos de recolha e análise da informação, desde métodos qualitativos, quantitativos, mistos (‘híbridos’) e outros. E *“nos últimos anos, têm surgido e sido discutidas diferentes formas de combinar metodologias recorrendo a noções como as de ‘triangulação’, ‘métodos/modelos mistos’ ou ‘métodos múltiplos’.”* (Duarte, 2009, p. 3).

Para Duarte (2009), a triangulação constitui o termo mais utilizado na literatura, sendo percecionado por vários autores como um conceito primordial na integração metodológica. Trata-se, portanto, de uma forma de combinar vários métodos qualitativos entre si e de articular métodos quantitativos e qualitativos. Além disso, este conceito *“quebrou a hegemonia metodológica dos defensores de um método único”* (*op. cit.*, p.3).

No âmbito do nosso estudo, foram usadas diversas técnicas para recolher dados que respondessem às questões de investigação enunciadas. Assim, apostamos em registos escritos e em notas decorrentes da observação, durante as atividades realizadas nas sessões de intervenção didática. Também, usamos listas de verificação centradas na produção escrita de um texto narrativo e na elaboração de uma BD.

Por fim, para a análise dos dados, apostamos na análise de conteúdo e na estatística descritiva (frequências absolutas e relativas).

Capítulo 4 – Análise dos dados e interpretação dos resultados

Passamos agora a apresentar os resultados da análise dos dados e a sua interpretação.

Durante as seis sessões do nosso projeto, recolhemos dados relativos: i) à relação entre História, lenda e mito; ii) às competências reveladas pelos alunos na escrita do texto narrativo e na construção de uma BD.

4.1. Relação entre História, lenda e mito

No quadro abaixo, registamos os enunciados produzidos pelos alunos durante o diálogo sobre esta temática:

Lendas e mitos na História de Portugal	
Aluno	Enunciados
R	<i>“as lendas e mitos podem se relacionar com a História de Portugal”</i>
	<i>“retorno às nossas origens”</i>
	<i>“davam nomes a cidades e vilas”</i>
	<i>“os mitos estão ligados ao patriotismo”</i>
U	<i>“fazem parte da nossa cultura e identidade”</i>
M	<i>“inspiram costumes e tradições”</i>
D	<i>“está ligado aos descobrimentos e ao mar”</i>
I	<i>“liga as pessoas aos deuses”</i>

Quadro 3 – Enunciados dos alunos relativos às lendas e mitos na História de Portugal

No Quadro 4, apresentamos os resultados da análise dos dados recolhidos:

Lendas e mitos na História de Portugal	Certo		Errado	
	Nº	%	Nº	%
Fazem parte da cultura e identidade de um país.	3	15	0	0

Inspiraram costumes, tradições e superstições que se mantêm vivos até aos dias de hoje.	1	5	0	0
Representam o retorno às nossas origens	1	5	0	0
Muitas lendas portuguesas revelam terras, gente de coragem, histórias de vingança, amores impossíveis e amores-perfeitos. Deram nomes a cidades e vilas.	1	5	0	0
Os mitos estão muito ligados ao Patriotismo de um povo. É o amor à pátria que com que o povo português seja muito ligado aos mitos criados.	1	5	0	0
Total.	7	35	0	0

Quadro 4 – Desempenho dos alunos relativo à presença de lendas e mitos na História de Portugal

A leitura dos Quadros 3 e 4 permite-nos apurar que alguns alunos (35%) estavam a par da existência de lendas e mitos relacionados com a História de Portugal.

Tendo em conta a informação apresentada nos quadros acima, podemos averiguar que poucos foram os alunos que conseguiram apresentar enunciados sobre lendas e mitos na História de Portugal e os que o fizeram repetiram diversas vezes que estes textos *“fazem parte da cultura e identidade de um país”*. Acreditamos que o facto de os alunos mencionarem muito esta característica foi devido ao caso de em sessões anteriores a

mesma já ter sido referida. Apesar de os outros aspetos terem sido pouco referidos, alguns alunos foram capazes de evidenciar a sua presença relativamente às lendas e mitos na História de Portugal. Podemos afirmar que a maioria dos alunos apresentou dificuldades em expor aspetos que pudessem associar a esta temática.

No quadro que se segue, registamos os enunciados produzidos pelos alunos sobre as relações entre lendas, mitos e História:

Relação entre lenda, mito e História				
Aluno	Enunciados			
	Características da lenda	Características do mito	Características da História	Relação
R	<i>“histórias contadas oralmente”</i>		<i>“retorno às nossas origens”</i>	
M		<i>“os mitos são fictícios, envolvem os deuses”</i>	<i>“inspirou costumes e tradições”</i>	
I	<i>“as lendas são da tradição oral de um povo”</i>	<i>“os mitos contam acontecimentos históricos”</i>		
U	<i>“trata de atos heroicos”</i>	<i>“os mitos tentam explicar fenómenos/ acontecimentos históricos”</i>	<i>“faz parte da nossa cultura e identidade”</i>	

Quadro 5 – Enunciados dos alunos relativos às relações entre lenda, mito e História

Ao analisar o presente quadro, podemos afirmar que, no que diz respeito às características da lenda, os alunos focaram-se muito no aspeto de que fazem parte da tradição oral, enquanto, no que se refere às características do mito e da História,

apresentaram enunciados com diversos aspetos e não destacaram sempre o mesmo. Além disso, este quadro mostra que não conseguimos recolher nenhuns dados sobre as relações entre lenda, mito e História. Ou seja, os alunos mostraram dificuldades em relacionar a História de Portugal com lendas e mitos e concentraram-se mais na referência às suas características do que na apresentação das diferenças entre eles.

No Quadro 6, apresentamos os resultados da análise dos dados recolhidos:

Relação entre lenda, mito e História				
Características da História	Certo		Errado	
	Nº	%	Nº	%
Faz parte da cultura e da identidade de um país	1	5	0	0
Inspira costumes, tradições e superstições que se mantêm vivos até aos dias de hoje	1	5	0	0
Representa um retorno às origens	1	5	0	0
Total	3	15	0	0
Características da lenda	Certo		Errado	
	Nº	%	Nº	%
Baseia-se em factos históricos, que podem ser distorcidos ou exagerados	0	0	0	0
Refere-se a pessoas ilustres e/ou acontecimentos relevantes da História da comunidade	0	0	0	0

Foca-se principalmente em atos heroicos	1	5	0	0
Total	1	5	0	0
Características do mito	Certo		Errado	
	Nº	%	Nº	%
Pode ter origem em acontecimentos históricos, mas não é possível identificá-los	2	10	0	0
Pode ser inspirado num momento histórico, mas a história é ficcional	1	5	0	0
Está ligado a deuses, heróis, seres e reinos sobrenaturais	1	5	0	0
Explica fenómenos naturais através do simbolismo ou de metáforas	0	0	0	0
Total	4	20	0	0

Quadro 6 – Desempenho dos alunos relativo às relações entre lenda, mito e História

A partir deste quadro, é possível constatar que os alunos conheciam algumas características de lenda, mito e História. É visível que apenas acertaram numa característica da lenda e só não conseguiram identificar uma característica do mito. No entanto, conseguiram mencionar todas as características da História. Também podemos afirmar que os alunos sentiram dificuldades em referir todas as características da lenda e mito abordado na quarta sessão. Todas as características que referiram sobre a lenda, mito e História já tinham sido exploradas diversas vezes em sessões anteriores.

4.2. Desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita

4.2.1. Planificação e estrutura do texto narrativo

No Quadro 7, apresentamos os resultados da análise dos dados recolhidos relacionados com estes aspetos:

Elementos da narrativa		Certo		Errado		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Personagens	Principais	5	100	0	0	5	100
	Secundárias	1	20	4	80	5	100
Narrador	Participante	0	0	0	0	0	0
	Não participante	5	100	0	0	5	100
Tempo		5	100	0	0	5	100
Espaço		5	100	0	0	5	100
Categorias da estrutura da narrativa		Certo		Errado		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Situação inicial		5	100	0	0	5	100
Problema		4	80	1	20	5	100
Peripécias		5	100	0	0	5	100
Resolução do problema		5	100	0	0	5	100
Moral (facultativa)		2	40	0	0	2	40

Quadro 7 – Desempenho dos grupos relativo à planificação de um texto narrativo

O quadro acima apresentado permite-nos compreender como correu a planificação do texto de cada grupo sobre uma lenda relacionada com a História de Portugal.

Assim, podemos constatar que todos os grupos conseguiram:

- Identificar as personagens principais;
- Reconhecer o narrador como não participante;
- Apresentar o tempo e o espaço em que se desenrolava a ação.

Verifica-se ainda que só um grupo decidiu utilizar uma personagem secundária. Os restantes quatro grupos optaram por não referir nenhuma personagem secundária.

Em relação às categorias da estrutura da narrativa, podemos observar que:

- Todos os grupos apresentaram corretamente no seu texto a situação inicial;
- Um grupo não conseguiu apresentar o problema;
- Todos os grupos identificaram as peripécias e a resolução do problema;
- Só dois grupos incluíram uma moral no seu texto, o que não é problemático por esta ser uma categoria facultativa.

É visível que todos os grupos conseguiram identificar todos os elementos da narrativa, sem qualquer dificuldade. Também podemos verificar que nenhum grupo mostrou dificuldades em reconhecer algumas das categorias da estrutura da narrativa: situação inicial, peripécias e resolução do problema. No entanto, um grupo sentiu dificuldades em apresentar o problema, ou seja, dá a entender a existência do mesmo, mas não o explorou, limitando-se a seguir a versão da lenda que pesquisou.

4.2.2. Textualização

No Quadro 8, apresentamos os resultados da análise dos dados relativos a este aspeto:

Escrita	Certo		Errado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Respeito pela planificação do texto	4	80	1	20	5	100
Clareza das ideias	2	40	3	60	5	100
Organização lógica das ideias	2	40	3	60	5	100
Uso correto da pontuação	5	100	0	0	5	100
Respeito pelas regras ortográficas	0	0	5	100	5	100

Quadro 8 – Desempenho dos grupos na redação de um texto narrativo

Falando agora do desempenho dos alunos quanto à textualização/redação, observa-se que todos os grupos respeitaram o conteúdo e a informação original que tinham recolhido, mas:

- Só quatro grupos respeitaram a planificação do texto;
- Apenas dois grupos apresentaram as suas ideias de forma clara e lógica;
- Todos os grupos usaram satisfatoriamente os sinais de pontuação, mas, por outro lado, cometeram erros ortográficos.

No que diz respeito à planificação, o grupo que mostrou falhas na mesma não incluiu no seu texto narrativo momentos de descrição e diálogo, nem refere o problema, como era pedido no guião para a realização deste trabalho (cf. Anexo 2). Os restantes grupos cumpriram com a planificação, apesar de os seus textos narrativos apresentaram poucos momentos de diálogo e descrição. No entanto, houve um grupo que apresentou bastantes momentos de diálogo e acreditamos que este facto está relacionado com a versão da lenda que pesquisou.

Os aspetos da textualização/redação que parecem levantar mais problemas são a apresentação clara das ideias e a sua organização lógica. É visível, em alguns grupos, a apresentação de ideias que foram pouco exploradas: por exemplo, um grupo, dá a entender que existe um problema, mas não o consegue explorar no texto. Além disso, existe uma falta de organização lógica em alguns textos, pois houve momentos em que não se percebia o que queriam dizer: por exemplo, em momentos de diálogo ou na conclusão da história.

Por fim, podemos afirmar que todos os grupos sentiram dificuldades na escrita de algumas palavras ao longo do seu texto e apresentaram alguns erros graves: por exemplo, escreveram “abituais”, em vez de “habituais”. Acreditamos que alguns dos erros ortográficos cometidos decorreram da falta de atenção.

4.2.3. Revisão, reescrita e melhoria

Recordamos que a revisão dos textos dos grupos ficou a cargo das professoras estagiárias, devido ao pouco tempo disponível para implementar o projeto.

No Quadro 9, apresentamos os resultados da análise dos dados relativos a estes aspetos:

Planificação						
Categorias da estrutura da narrativa	Certo		Errado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Situação inicial	5	100	0	100	5	100
Problema	5	100	0	100	5	100
Peripécias	5	100	0	100	5	100
Resolução do problema	5	100	0	100	5	100
Moral (facultativa)	2	40	0	0	2	40
Escrita	Certo		Errado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Respeito pela planificação do texto	4	80	1	20	5	100
Clareza das ideias	4	80	1	20	5	100
Organização lógica das ideias	3	60	2	40	5	100
Uso correto da pontuação	5	100	0	0	5	100
Respeito pelas regras ortográficas	2	40	3	60	5	100

Quadro 9 – Desempenho dos grupos na reescrita e melhoria de um texto narrativo após revisão

O quadro acima permite-nos constatar que todos os grupos conseguiram utilizar todas as categorias da estrutura da narrativa na reescrita e melhoria do seu texto. No entanto, só dois grupos continuaram a inserir uma moral na sua narrativa.

No que concerne à escrita:

- Há um grupo que continua a não respeitar a planificação que fez para o seu texto;
- Dois grupos melhoraram na clareza das ideias e um grupo na organização lógica das mesmas;

- Três grupos continuam a apresentar erros ortográficos nos seus textos.

O grupo que continuou a não respeitar a planificação do respetivo texto não incluiu momentos de descrição no mesmo. Os restantes grupos respeitaram toda a planificação do seu texto.

Apesar de haver melhorias na clareza e organização lógica das ideias, ainda havia grupos cujos textos apresentavam momentos sem nexos, por exemplo devido à falta de conectores e em alguns momentos antes do diálogo que tinham que inserir no seu texto narrativo.

Ainda houve grupos a apresentar erros ortográficos, pois tiveram de adicionar mais informação depois da revisão feita e continuaram a ter problemas com algumas palavras.

Por fim, de uma forma geral, é visível que os grupos conseguiram melhorar os seus textos.

4.2.4. Narrativa em banda desenhada

No Quadro 10, apresentamos os resultados da análise dos dados relativos à elaboração da narrativa em banda desenhada:

Elementos da narrativa		Certo		Errado		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Personagens	Principais	5	100	0	0	5	100
	Secundárias	1	20	4	80	5	100
Narrador	Participante	0	0	0	0	0	0
	Não participante	5	100	0	0	5	100
Tempo		5	100	0	0	5	100
Espaço		5	100	0	0	5	100
Categorias da estrutura da narrativa		Certo		Errado		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Situação inicial		5	100	0	0	5	100
Problema		4	80	1	20	5	100

Peripécias	4	80	1	20	5	100
Resolução do problema	4	80	1	20	5	100
Moral (facultativa)	2	40	0	0	2	40
Características da banda desenhada	Certo		Errado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Respeito pela planificação do texto	4	80	1	20	5	100
Clareza das ideias	4	80	1	20	5	100
Organização lógica das ideias	4	80	1	20	5	100
Uso de: - Vinhetas - Tiras	5	100	0	0	5	100
Uso de: - Cartuchos - Legendas	5	100	0	0	5	100
Uso dos balões	4	80	1	20	5	100
Uso dos planos	4	80	1	20	5	100

Quadro 10 – Desempenho dos grupos na elaboração de uma narrativa em banda desenhada

A leitura deste quadro permite-nos constatar que, no que diz respeito aos elementos da narrativa, todos os grupos conseguiram:

- Identificar as personagens principais;
- Reconhecer o narrador como não participante;
- Apresentar o tempo e o espaço em que se desenrola a ação.

Verifica-se também que só um grupo utilizou uma personagem secundária.

Deste modo, percebemos que se manteve tudo igual depois de feita a revisão, reescrita e melhoria do texto narrativo para a elaboração de uma narrativa em BD.

Em relação às categorias da narrativa, podemos constatar que:

- Todos os grupos identificaram a situação inicial na elaboração da narrativa em BD;

- Só um grupo não identificou o problema, as peripécias e a resolução do problema na sua BD.

No que concerne às características da BD, podemos observar que:

- A grande maioria dos grupos (4, correspondendo a 80%) respeita a planificação e apresenta ideias claras e organizadas de forma lógica;

- Todos os grupos usaram vinhetas e tiras;

- Também todos os grupos usaram legendas e cartucho;

- A grande maioria dos grupos (4, correspondendo a 80%) usa balões e planos.

No que diz respeito à elaboração da BD, podemos afirmar que – depois de realizada a revisão, reescrita e melhoria do seu texto narrativo – nenhum grupo sentiu dificuldade em incluir todos os elementos da narrativa. Também, quase todos os grupos conseguiram elaborar a BD incluindo todas as categorias da narrativa e as características deste género textual que foram pedidas, sem qualquer dificuldade, percebendo desde o início o trabalho que tinham que desenvolver.

No entanto, houve um grupo que não conseguiu abranger todas as categorias da narrativa e características da BD, não por falta de conhecimentos, mas porque todos os seus elementos tiveram dificuldades em trabalhar em conjunto. Como consequência, não conseguiram terminar a sua BD no tempo estipulado.

Capítulo 5 – Conclusões e sugestões

5.1. Conclusões

Neste último capítulo, vamos dar resposta às nossas questões de investigação a partir da interpretação dos resultados que obtivemos após a análise de dados feita.

Recordamos que o nosso projeto pretendia encontrar resposta para as seguintes questões de investigação:

- Será que a exploração da banda desenhada
- *Permite abordar a relação entre o estudo da língua materna e a História do país?*
- *Promove o desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita em alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico?*

O nosso projeto permitiu-nos comprovar que podemos relacionar o estudo da língua materna com a História do país e também desenvolver competências em expressão/produção escrita a partir da transformação de um texto narrativo numa BD com alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico.

5.1. Relativas à relação entre História, lenda e mito

A interpretação dos resultados da análise feita permitiu-nos concluir que os alunos estavam a par da existência de lendas e mitos relacionados com a História de Portugal.

Antes de começarmos a trabalhar as lendas e mitos na História de Portugal, relembramos as definições de lenda e mito e foi possível averiguar que os alunos conseguiam apontar as mesmas. Mas, quando foi solicitado aos alunos que relacionassem lendas e mitos com a História de Portugal, verificamos que tinham alguma dificuldade em fazer esta associação, pois os mesmos estavam muito focados nas definições de lenda e mito abordadas pela nossa colega de diáde na sessão anterior. Porém, depois de orientarmos os alunos com algumas questões, verificamos que os mesmos tiveram menos dificuldades em associar lendas e mitos à História de Portugal, apesar dos poucos enunciados obtidos.

Para além disso, quanto às relações entre lenda, mito e História não conseguimos obter nenhum resultado. Os alunos limitaram-se a apresentar algumas características e definições de lenda e mito.

Apesar de termos apresentado dois vídeos – um sobre uma lenda e outro sobre um mito relacionados com a História de Portugal – e de termos explorado melhor, em conjunto, cada um dos vídeos, os alunos não conseguiram mencionar todas as características de lenda e mito e mostraram dificuldade em relacionar estas características entre si e mostrar como elas se complementam. Acreditamos que esta dificuldade possa ter surgido devido ao facto de as definições de lenda e mito e algumas das suas características já terem sido referidas em sessões anteriores, o que pode ter confundido um pouco os alunos.

No entanto e apesar de não termos conseguido obter nenhum enunciado relativo à relação entre lenda, mito e História, os alunos produziram alguns sobre características de lenda, mito e História, o que prova que pelos menos uma parte deles compreendeu o que tinha sido lecionado.

5.1.2. Relativas ao desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita

Quanto à escrita, percebemos que a maioria dos grupos conseguiu planificar, escrever e melhorar o seu texto narrativo relacionado com uma lenda ligada à História de Portugal.

No que diz respeito à *planificação*, verificamos que todos os grupos seguiram as indicações dadas, conseguindo identificar as personagens, o tipo de narrador e localizar a ação no tempo e no espaço. Significa isto que todos os grupos conseguiram reconhecer todos os elementos da narrativa.

Mas nem todos os grupos conseguiram ir além das indicações básicas. Assim, só um grupo é que reconheceu uma personagem secundária, devido à pesquisa que fez sobre a lenda através do guião que foi disponibilizado para os ajudar na construção do seu texto narrativo. Por conseguinte, esse grupo apresentou um texto narrativo com mais momentos de diálogo e uma história mais coesa.

No que concerne à *textualização*, verificou-se que a grande maioria dos grupos respeitou a planificação feita.

Porém, no que diz respeito à estrutura da narrativa, um grupo não conseguiu identificar o problema da história e escrevê-lo no seu texto. Em vez de construir um texto narrativo, o grupo acabou por fazer um resumo da lenda.

No que diz respeito à escrita do texto, só dois grupos apresentaram as suas ideias de forma clara e as organizaram de modo lógico. Os restantes grupos não o fizeram e, por vezes, o texto não fazia muito sentido. Acreditamos que esta dificuldade poderia ter sido ultrapassada se os grupos tivessem relido o respetivo texto escrito.

Além disso, todos os grupos entregaram textos com bastantes erros ortográficos, alguns graves. Pensamos que esta dificuldade se deveu sobretudo à falta de atenção dos alunos, pois, quando foi entregue o texto já revisto e os grupos repararam em alguns erros ortográficos que tinham cometido, fizeram logo a sua correção, mesmo sem olhar para o texto revisto pelas professoras estagiárias.

Em relação à reescrita, houve melhorias a nível do respeito pela planificação feita, da clareza na apresentação das ideias e da sua organização lógica. Mas continuaram a registar-se erros ortográficos.

Por fim, confirmamos que os alunos melhoraram na sua produção escrita do primeiro texto para o segundo, apesar das dificuldades sentidas sobretudo no que diz respeito aos erros ortográficos.

5.1.3. Relativas à narrativa em banda desenhada

No que diz respeito à narrativa em banda desenhada, começamos a intervenção didática por abordar as características de uma BD. Assim, projetamos uma BD e verificamos que todos os alunos conheciam este género textual. Porém, quando mostramos uma *vinheta* e uma *tira*, só alguns alunos conheciam estas duas características e estavam familiarizados com estes termos. Para além disso, nenhum aluno foi capaz de identificar uma *prancha* na BD ou sequer conhecia este termo. Também, desconheciam o termo *cartucho* e não sabiam identificar os vários tipos de *planos*. No entanto, sabiam que existiam *legendas* e *balões*, apesar de não conhecerem todos os tipos de balões. Em suma, os alunos conheciam este género textual, mas não tinham total conhecimento das suas características.

Mesmo assim, os grupos conseguiram planificar e escrever uma narrativa em BD sem muitas dificuldades, apoiando-se no texto sobre uma lenda relacionada com a História de Portugal que tinham redigido anteriormente.

Na *planificação*, verificamos que, quando converteram o texto escrito numa BD, os grupos mantiveram tudo o que já tinha sido corrigido anteriormente relativamente aos elementos da narrativa.

Na *textualização*, verificou-se que a grande maioria dos grupos respeitou a planificação e a estrutura da narrativa. Só um grupo não conseguiu identificar o problema, as peripécias e a resolução do problema.

Apesar de, no texto narrativo, os grupos terem tido dificuldade na apresentação clara das ideias e na sua organização lógica, tal não aconteceu na construção da BD.

Além disso, conseguiram usar corretamente vinhetas e tiras, balões e planos e ainda legendas e cartuchos, sem muitas dificuldades. Pouco recorreram à ajuda das professoras estagiárias.

Só um grupo não cumpriu a planificação, pois não conseguiu terminar de construir a sua BD. Só produziu uma vinheta que apresentava os elementos da narrativa, a situação inicial e recorria a uma legenda.

Em suma, verificamos que, de um modo geral, os alunos atingiram os objetivos formulados e souberam aplicar, de forma correta, todas as características da BD quando construíram a mesma.

5.2. Sugestões

Terminado este percurso e refletindo sobre a implementação deste projeto, tendo em conta todas as sessões planeadas e postas em prática, a recolha e análise de dados, a interpretação dos resultados obtidos e as conclusões retiradas deste estudo, parece-nos relevante apresentar algumas sugestões para quem pretender abordar esta temática no futuro.

Assim, é importante destacar o papel desempenhado pelo professor nestes projetos de intervenção. Segundo o Decreto-Lei nº 240 de 2001, que apresenta o *Perfil geral de desempenho dos educadores de infância e dos professores do ensino básico e secundário*,

o professor deve promover *“aprendizagens significativas no âmbito dos objectivos do projecto curricular de turma, desenvolvendo as competências essenciais e estruturantes que o integram”*. Além disso, cabe ao professor utilizar *“de forma integrada, saberes próprios da sua especialidade e saberes transversais e multidisciplinares adequados ao respectivo nível e ciclo de ensino.”* O professor é ainda responsável por planificar e orientar atividades adequadas aos interesses e dificuldades dos alunos que fazem parte da sua turma.

Deste modo, após a conclusão deste projeto e depois de tudo o que experienciamos, tornou-se evidente que é essencial desenvolver projetos em volta de temas a abordar com os alunos. Em qualquer projeto é importante planear e realizar atividades com sentido e que tenham um fio condutor entre elas.

5.2.1. Relativas à relação entre História, lenda e mito

Um dos objetivos de investigação formulado para o nosso projeto dizia respeito à exploração da relação entre o estudo da língua materna e a História do seu país por parte de alunos a frequentar o 2º Ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito às atividades sobre a relação entre História, lenda e mito e tendo em conta os conhecimentos adquiridos, em sessões anteriores sobre lenda e mito e o facto de os alunos se encontrarem mais familiarizados com estes conceitos, optamos por explorar só uma lenda e mito relacionados com a História de Portugal que apresentamos recorrendo a vídeos. A atividade captou a atenção dos alunos e aguçou a sua curiosidade relativamente à História do seu país. No entanto, à medida que avançávamos na sua implementação, os alunos mostraram dificuldades em fazer essa relação com a História e só apresentaram características e definições de lenda e mito. Ou seja, podiam ter sido desenvolvidas atividades como a exploração da lenda e do mito através de texto lido para facilitar a compreensão dos alunos sobre o tema.

5.2.2. Relativas ao desenvolvimento de competências em expressão/produção escrita

Com a implementação deste projeto, conseguimos realizar atividades que permitissem desenvolver competências de escrita, através da elaboração de um texto

narrativo relativo a uma lenda associada à História de Portugal e da criação de uma versão em BD desse mesmo texto.

Começamos por relembrar os conhecimentos que os alunos já possuíam sobre os elementos e categorias da estrutura da narrativa, que estes teriam de pôr em ação na produção escrita do texto relativo à lenda e na sua conversão numa BD. Paralelamente, chamamos a atenção para as etapas de planificação, revisão e reescrita/melhoria dos textos – para além da respetiva redação/textualização².

Durante a atividade de escrita, os alunos mostraram-se participativos, interessados e motivados, pois a próxima atividade seria passar o texto para BD e também estavam a conhecer um pouco mais sobre uma lenda relacionada com a História do seu país.

Uma sugestão de atividade que seria interessante desenvolver com os alunos é criar textos narrativos relacionados com diferentes lendas da História de Portugal. Ou seja, cada grupo ficava com uma lenda diferente dos outros grupos. Desta forma, os alunos ficariam a conhecer mais lendas da História de Portugal.

Para além disso, seria importante cada grupo:

- Fazer a revisão do seu próprio texto, antes de dar a primeira versão por concluída;
- Rever o texto de um outro grupo;
- Proceder à análise crítica da revisão do seu texto feita por outro grupo e, de seguida, à sua reescrita e melhoria.

Desta forma, desenvolveriam ainda mais as suas competências em expressão/produção escrita.

5.2.3. Relativas à narrativa em banda desenhada

Como já foi referido anteriormente, uma das atividades desenvolvidas foi a produção de uma BD a partir dos textos que os grupos tinham escrito sobre a lenda *O milagre das rosas*.

Assim sendo, foi essencial relembrar as características deste género textual, que os alunos já tinham abordado no ano letivo anterior. Como aconteceu na produção do texto,

² Recordamos que a revisão dos textos produzidos pelos grupos acabou por ficar a cargo das professoras estagiárias devido à escassez de tempo.

também na produção escrita de uma BD pareceu-nos fundamental ter em conta as etapas da planificação e da textualização.

Teria sido também interessante que os grupos recorressem a um Storymap para criar a sua BD a partir do texto que tinham escrito. Ou seja, os alunos realizavam toda a BD e publicavam o produto final nesse recurso. Além disso, como este recurso inclui um mapa, cada grupo poderia identificar o local de origem da lenda, enriquecendo os seus conhecimentos sobre esta. É uma forma de trabalhar a Geografia e de associar a sua abordagem ao ensino e aprendizagem da língua materna e da História do país.

Para além disso, nesta sugestão, inserimos as tecnologias, algo com que os alunos se encontram bastante familiarizados e que pode despertar ainda mais o interesse deles para este tipo de projetos.

5.3. Reflexão final

Com a finalização deste projeto, é essencial refletir sobre este percurso académico, que se revelou bastante enriquecedor, quer a nível pessoal, quer enquanto futura profissional de educação. Assim e segundo Pimenta (1995, p. 65), o estágio tem como objetivo *“levar os alunos a uma análise das realidades sobre as quais atuarão, e também servir como fontes de experiências concretas para as discussões sobre as questões de ensino e procedimentos pedagógicos.”*

Como tal, no decorrer deste estudo – através de todas as atividades realizadas no decurso da intervenção didática, da análise dos dados recolhidos, da interpretação dos resultados obtidos e da reflexão sobre as dificuldades e constrangimentos sentidos – fizemos muitas aprendizagens fundamentais para quem pretende ser professora do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico.

Este projeto mostrou ser um sucesso e deveu-se muito ao interesse dos alunos pela temática (principalmente na parte relativa à elaboração de uma BD), ao excelente trabalho desenvolvido pelos mesmos ao longo de todo o processo e ao facto de as atividades que desenvolvemos se cruzarem com as da nossa colega de díade, dado que os nossos projetos eram complementares.

Para além disso, é de referir que, durante a implementação do projeto, se trabalhou com duas áreas curriculares, de forma a atrair e motivar os alunos para o trabalho a desenvolver e torná-lo mais completo. Deste modo, todas as sessões foram planificadas a pensar na interdisciplinaridade entre as duas áreas curriculares a trabalhar com os alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico no mestrado que frequentamos: Português e História e Geografia de Portugal.

Esta interdisciplinaridade é aconselhada e promovida pelas *Aprendizagens Essenciais* (MEC, 2018), que “*permitem libertar espaço curricular para que, em cada escola, se possa promover trabalho articulado entre as AE e as outras aprendizagens previstas nos demais documentos curriculares, com aprofundamento de temas, explorações interdisciplinares diversificadas, mobilização de componentes locais do currículo, entre outras opções, no âmbito dos domínios de autonomia curricular.*”

Também, procuramos promover o trabalho em grupo, a par da autonomia dos alunos, e a motivação, de modo a estes aprofundarem os conhecimentos adquiridos e desenvolverem as suas competências, superando-se ao longo de cada atividade.

Como acontece em qualquer situação, nem tudo corre bem. Assim, no início do semestre, houve momentos em que o nosso trabalho foi afetado pela nossa falta de experiência. Nas primeiras aulas, a preocupação em cumprir com todas as atividades propostas na planificação impediu-nos de nos adaptarmos ao ritmo dos alunos, o que resultava no esquecimento das necessidades dos mesmos. No entanto, à medida que o semestre avançava e íamos aprofundando a nossa reflexão sobre este problema, fomos procurando ter em conta as necessidades de cada aluno e encontrar estratégias aliciantes que resultassem com os mesmos.

Também foi fundamental que nos adaptássemos à realidade pedagógica em questão, para que as nossas aulas decorressem com tranquilidade, de maneira a proporcionar boas aprendizagens aos alunos.

Apesar de todas as adversidades, o trabalho em equipa, a entreatajuda e a partilha sobre o que era necessário melhorar permitiram que tudo corresse bem e favoreceram a partilha de novos conhecimentos e aprendizagens, ajudando a superar as dificuldades ao longo do tempo. Toda esta experiência redundou num processo de constante

aprendizagem e de melhoria do nosso desempenho em cada intervenção realizada e foi muito positiva para o nosso percurso académico, principalmente, para o começo da longa caminhada que será o nosso percurso profissional.

Todos estes meses de aprendizagem permitiram adquirir e desenvolver diversas competências essenciais para sermos professoras e com o aparecimento de novas experiências vai ser possível melhorar cada vez mais.

Por fim, ao refletirmos sobre esta jornada, podemos afirmar que a mesma contribuiu para descobrir outras perspetivas sobre o mundo da educação e para o nosso desenvolvimento enquanto futuras profissionais de educação.

5.4. Limitações do estudo

Para a concretização deste projeto, foi fundamental realizar uma planificação prévia incluindo todas as sessões de que necessitaríamos para desenvolver as atividades propostas, tendo sempre em conta o facto de que poderia aparecer alguma condicionante para a realização do mesmo que nos obrigaria a alterar o planificado.

Assim sendo, uma limitação que sentimos, desde o início, foi a escassez de tempo. Depois de mostrarmos à professora cooperante as nossas propostas de atividades a desenvolver e todas as sessões a ocupar, tivemos de fazer opções antes mesmo de começar a implementar o projeto. Portanto, após estar decidido todas as sessões que nos tinham sido destinadas, foi mais fácil perceber as atividades que podíamos ou não realizar. Este constrangimento manteve-se, algumas vezes, ao longo do projeto devido a certas atividades que consumiram mais tempo do que estava previsto.

Outra limitação sentida ao longo deste estudo prende-se com o comportamento dos alunos, que se desconcentravam facilmente, o que nos levou a fazer um maior esforço para conseguir cumprir todas as sessões dentro do tempo estipulado.

Em suma, conseguimos concretizar o projeto que ambicionamos e planificamos com todo o cuidado, apesar destes constrangimentos ao longo do processo.

5.5. Sugestões para outros estudos

Após a realização deste estudo e tendo por base o mesmo, acreditamos que é possível criar outros projetos que desenvolvam melhor este tema.

Assim, se pudéssemos repetir este estudo, parece-nos que seria uma mais-valia realizar a atividade de produção escrita a partir de várias lendas relacionadas com a História de Portugal, em vez de uma só. Além disso, pensamos que essas lendas também deveriam ser abordadas nas aulas de História e Geografia de Portugal.

Outro aspeto a referir é a interdisciplinaridade, dado que através da BD é possível explorar muito este ponto. Ou seja, além de trabalharmos a área curricular de Português em simultâneo com a de História e Geografia de Portugal, também seria possível envolver em projetos desta natureza a área curricular de Educação Artística (artes visuais e expressão dramática/teatro) e, desta forma, a participação seria mais motivante e interessante para os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, G. C., Costa, M. A. & Costa, E. B. (2008). As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes*, (2), 26-36.
- Barbeiro, L. F., Batista, A. & Viana, F. L. (2011). *O ensino da escrita: dimensões gráfica e ortográfica*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Barbeiro, L. F. & Pereira, L. A. (2007). *O ensino da escrita: a dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Cardoso, T. & Solé, G. (2019). *A banda desenhada histórica como um recurso pedagógico no ensino da História*. URL: https://www.researchgate.net/publication/331604016_A_banda_desenhada_historica_como_um_recurso_pedagogico_no_ensino_da_Historia
- Carvalho, J. A. B. (2012). *Escrita: percursos de investigação. Projeto Ensinar a Escrever: teoria e prática*. Braga: Universidade do Minho. URL: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18254/1/Escrita%2C%20Percursos%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Decreto Lei nº 240/2001 de 30 de agosto do Ministério da Educação*: Diário da República: I série- A, No 201 (2001). URL: <https://dre.pt/home/-/dre/631837/details/maximized>
- Duarte, T. (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia*, (60), 2-24. URL: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20Duarte.pdf>
- Figueiredo, O. M. (2006). As noções de adequação, coerência e coesão e seus modos de operacionalização. In I. M. Duarte & O. M. Figueiredo (coord), *Actas de Conferência Nacional* (pp. 71-88). URL: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5401.pdf>
- Koch, I. G. (2001). Linguística textual: Quo vadis? *Delta*, 17. URL: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300002&script=sci_arttext

- Martins, G. d'O., Gomes, C. S., Brocardo, J. L., Pedroso, J. V. et al. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação. URL: https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Minayo, M. C. S. (org.). (2002). Ciência, técnica e arte: desafio da pesquisa social. In Minayo, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp.9-29). São Paulo: Vozes. URL: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>
- Ministério da Educação e Cultura (2018). *Aprendizagens essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência/Direção Geral do Ensino Básico e Secundário. URL: <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>
- Oliveira, B. S. (2010). Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de língua portuguesa. *Revista Ícone*, 7 (2), 75-82. URL: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5094>
- Palhares, M. (s.d.). *História em quadradinhos: Uma ferramenta pedagógica para o ensino de História*. URL: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>
- Pereira, J. M. (2017). *A Banda Desenhada e o Cartoon no processo de ensino-aprendizagem de História e Geografia*. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras. URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108619/2/228381.pdf>*
- Pereira, R. A. (2009). *O conceito de texto: unidade supra-frásica*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras.
- Pimenta, S. G. (1995). *O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?* São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação. URL: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/612.pdf>
- Sá, C. M. (1995). *A banda desenhada: uma linguagem narrativa ao serviço do ensino do Português (Língua Materna)*. Tese de doutoramento. Aveiro: Universidade Aveiro. URL: <http://hdl.handle.net/10773/22835>
- Sá, C. M. (2000). Ler e escrever com a banda desenhada. *Millenium*, 19, 127-135.

- Sá, C. M. (org.) (2013). Representações de professores do 1º Ciclo sobre a interação leitura-escrita. In Sá, C. M. (org.), *Transversalidade II: Representações, instrumentos, práticas e formação* (pp. 9-19). Universidade de Aveiro/Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores. URL: https://cidtff.web.ua.pt/producao/cristina_sa/CS_TransversalidadesII.pdf
- Sá, C. M. (2016). Banda desenhada e desenvolvimento de competências em leitura e escrita. *Exedra* (nº temático), 37-86. URL: <http://hdl.handle.net/10773/18941>
- Sá, C. M. (2018). *Técnicas de comunicação oral e escrita*. Coleção “Educação e Formação – Cadernos Didáticos”, nº 2. Aveiro: UA Editora. URL: <https://ria.ua.pt/handle/10773/24945>
- Soares, A. H. (2004). *A Química e a imagem da ciência e dos cientistas na banda desenhada: uma análise de livros de B. D. e de opiniões e interpretações de investigadores, professores de C. F. Q. e alunos do 3º ciclo*. Braga: Universidade do Minho. URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/590/23/CAP%c3%8dTULO%202.pdf>
- Sousa, J. F. de (2016). *Banda desenhada, leitura e escrita. Um estudo no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de estágio. Aveiro: Universidade de Aveiro. URL: <http://ria.ua.pt/handle/10773/17192>
- Tavares, E. (2012). *Desenvolvimento de competências em expressão/produção de escrita*. Tese de doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro. URL: <https://ria.ua.pt/handle/10773/10607>
- Yin, R. (2001). *Estudo de caso: procedimentos e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

Anexo 1 – Planificações das sessões da intervenção didática



universidade de aveiro

Ano de escolaridade: 6º ano Ano letivo: 2020/2021 Data: 22/4/2021			Estagiária: Filipa Leite (nº 85555) Orientadora institucional: Cristina Manuela Sá			
Áreas Metas curriculares Descritores de desempenho	Conteúdos	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Atividades	Modalidades de trabalho	Tempo	Recursos didáticos
Português <u>Oralidade</u> 1. Interpretar textos <i>oraís breves</i> 1.1. Distinguir informação implícita e informação explícita. 1.2. Fazer deduções e inferências. 1.4. Manifestar, justificando, a reação	Português <u>Oralidade</u> <i>Interação discursiva</i> - Princípio de cooperação. <i>Interpretação de texto</i> - Informação implícita e explícita; - Manifestação e justificação de reação pessoal ao texto ouvido;	Português <u>Oralidade</u> <i>Compreensão</i> - Explicitar, com fundamentação adequada, sentidos implícitos; - Distinguir factos de opiniões na explicitação de argumentos. <i>Expressão</i>	Escrita do sumário da aula anterior e abertura da aula presente Lembrar as definições e características de <i>lenda e mito</i> através de um diálogo com os alunos, partindo de	Trabalho individual Trabalho coletivo	5 minutos 15 minutos	Quadro Marcadores Caderno diário Materiais de escrita Computador Internet Esquema sobre lendas e mitos na História de Portugal (Anexo 1)

<p>peçoal ao texto ouvido.</p> <p>1.5. Sintetizar enunciados ouvidos.</p> <p>3. <i>Produzir textos orais com diferentes finalidades e com coerência.</i></p> <p>3.4. Respeitar princípios reguladores da interação discursiva, na formulação de pedidos (com uso apropriado dos modos imperativo, indicativo e conjuntivo), na apresentação de factos e de opiniões.</p> <p>3.5. Tratar um assunto com vocabulário</p>	<p>- Síntese.</p> <p><i>Produção de texto</i></p> <p>- Géneros escolares: (...)<i>argumentação</i>;</p> <p>- Planificação do discurso (hierarquização de tópicos);</p> <p>- Vocabulário: diversificação e adequação;</p> <p>- Estruturas gramaticais: concordância, adequação de tempos verbais, expressões adverbiais, pronominalizações, marcadores discursivos.</p>	<p>- Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas.</p>	<p>algumas questões orientadoras:</p> <p>- <i>O que é uma lenda? É um mito?</i></p> <p>- <i>Quais são as características da lenda? E do mito?</i></p> <p>Diálogo com os alunos sobre lendas e mitos na História de Portugal a partir de uma questão orientadora:</p> <p>- <i>Portugal é um país rico em lendas e mitos. Sabem porquê?</i></p> <p>Registo no quadro de um esquema sobre</p>	<p>Trabalho coletivo</p>	<p>25 minutos</p>	<p>Vídeo sobre a lenda das Amendoeiras em flor (Anexo 2)</p>
--	--	--	--	--------------------------	-------------------	--

<p>diversificado e adequado.</p> <p>4. <i>Compreender e apresentar argumentos.</i></p> <p>4.1. Identificar argumentos que fundamentam uma opinião.</p> <p>4.2. Justificar pontos de vista.</p>			<p>lendas e mitos na História de Portugal.</p> <p>Registo no caderno diário.</p>	<p>Trabalho individual</p>		
--	--	--	--	----------------------------	--	--



<p>Ano de escolaridade: 6º ano</p> <p>Ano letivo: 2020/2021</p> <p>Data: 23/4/2021</p>			<p>Estagiária: Filipa Leite (nº 85555)</p> <p>Orientadora institucional: Cristina Manuela Sá</p>			
Áreas Metas curriculares Descritores de desempenho	Conteúdos	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Atividades	Modalidades de trabalho	Tempo	Recursos didáticos
<p>Português <u>Oralidade</u></p> <p>1. Interpretar textos orais breves.</p> <p>1.1. Distinguir informação implícita e informação explícita.</p> <p>1.2. Fazer deduções e inferências.</p> <p>1.4. Manifestar, justificando, a reação</p>	<p>Português <u>Oralidade</u></p> <p><i>Interação discursiva</i></p> <p>- Princípio de cooperação.</p> <p><i>Interpretação de texto</i></p> <p>- Informação implícita e explícita.</p> <p>- Manifestação e justificação de reação pessoal ao texto ouvido.</p>	<p>Português <u>Oralidade</u></p> <p><i>Compreensão</i></p> <p>- Explicitar, com fundamentação adequada, sentidos implícitos;</p> <p>- Distinguir factos de opiniões na explicitação de argumentos.</p> <p><i>Expressão</i></p>	<p>Escrita do sumário da aula anterior e abertura da aula presente</p> <p>Exploração da lenda <i>Amendoeiras em flor</i> a partir da visualização de um vídeo</p>	Trabalho individual	5 minutos	<p>Quadro</p> <p>Marcadores</p> <p>Caderno diário</p> <p>Material de escrita</p> <p>Internet</p> <p>Computador</p> <p>Vídeo sobre o mito O Adamastor (Anexo 3)</p> <p>Vídeo sobre o episódio <i>O Gigante</i></p>

<p>peçoal ao texto ouvido.</p> <p>1.5. Sintetizar enunciados ouvidos.</p> <p>2. Utilizar procedimentos para registrar e reter a informação.</p> <p>2.2. Tomar notas e registrar tópicos.</p> <p>3. Produzir textos orais com diferentes finalidades e com coerência.</p> <p>3.4. Respeitar princípios reguladores da interação discursiva, na formulação de pedidos (com uso apropriado dos modos imperativo, indicativo e</p>	<p>- Síntese.</p>	<p>- Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas.</p>	<p>Diálogo com os alunos sobre o vídeo a partir de algumas questões:</p> <p>- Já conheciam esta lenda?</p> <p>- De que nos fala esta lenda?</p> <p>- A princesa Gilda adoeceu sem razão aparente. O que fez o rei para ela se sentir melhor?</p> <p>- Ela acaba por ficar curada de quê?</p> <p>- Atualmente, como se chama Chelb, a capital do reino?</p> <p>Exploração do mito <i>O Adamastor</i> a partir</p>	<p>Trabalho coletivo</p>	<p>20 minutos</p>	<p><i>Adamastor</i> do Canto V d'Os <i>Lusíadas</i> (Anexo 4)</p> <p>Quadro relativo à relação entre História, lendas e mitos (Anexo 5)</p>
--	-------------------	--	--	--------------------------	-------------------	---

<p>conjuntivo), na apresentação de factos e opiniões.</p> <p>3.5. Tratar um assunto com vocabulário diversificado e adequado.</p> <p>4. <i>Compreender e apresentar argumentos.</i></p> <p>4.1. Identificar argumentos que fundamentam uma opinião.</p> <p>4.2. Justificar pontos de vista.</p>			<p>da visualização de um vídeo</p> <p>Diálogo com os alunos sobre o vídeo a partir de algumas questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Quem é o Adamastor?</i> - <i>Por que ameaçou os navegadores portugueses?</i> - <i>O que essa ameaça revela a respeito dos navegadores portugueses?</i> - <i>O que fez Vasco da Gama?</i> - <i>Qual era o ponto fraco do Adamastor?</i> - <i>Quando o Adamastor chorou, o que aconteceu?</i> 	<p>Trabalho coletivo</p>	<p>35 minutos</p>	
---	--	--	---	--------------------------	-------------------	--

<p><u>Leitura e Escrita</u></p> <p>7. <i>Compreender o sentido os textos.</i></p> <p>7.2. Detetar informação relevante, factual e não factual, tomando notas (usar títulos intermédios, colocar perguntas, tirar conclusões).</p> <p>8. <i>Fazer inferências a partir de informação prévia contida no texto.</i></p> <p>8.1. Antecipar o assunto, mobilizando conhecimentos prévios com base em elementos paratextuais (por exemplo, deteção de título, subtítulo,</p>	<p><u>Leitura e Escrita</u></p> <p><i>Fluência de leitura: velocidade, precisão, prosódia</i></p> <p>- Palavras e textos (consolidação).</p> <p><i>Compreensão de texto</i></p>	<p><u>Leitura</u></p> <p>- Ler textos com características narrativas e expositivas de maior complexidade, associados a finalidades várias (lúdicas, estéticas, publicitárias e informativas) e em suportes variados.</p> <p>- Fazer inferências, justificando-as.</p> <p>- Identificar tema(s), ideias principais e pontos de vista.</p> <p>- Utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação.</p>	<p>- <i>O que representa o Adamastor? De que nos fala este mito?</i></p> <p>Visualização de um vídeo em 3D sobre o episódio do canto V d’Os Lusíadas intitulado <i>O Gigante Adamastor</i>, que retrata os perigos que os portugueses enfrentaram na viagem até à Índia, utilizando metaforicamente o amor não correspondido entre o Gigante Adamastor e a ninfa Tétis.</p>			
--	---	---	---	--	--	--

<p>autor, ilustrador, capítulos, configuração da página, imagens).</p> <p>9. Organizar a informação contida no texto.</p> <p>9.1. Procurar, recolher, seleccionar e organizar informação com vista à construção de conhecimento (de acordo com objetivos pré-definidos e com supervisão do professor).</p> <p>9.3. Relacionar a estrutura do texto com a intenção e o conteúdo do mesmo.</p>			<p>Elaboração de um quadro síntese sobre a relação entre História, lendas e mitos (em conjunto com os alunos).</p> <p>Registo no caderno diário.</p>	<p>Trabalho coletivo</p> <p>Trabalho individual</p>	<p>20 minutos</p> <p>10 minutos</p>	
--	--	--	--	---	-------------------------------------	--

<p>9.5. Indicar os aspetos nucleares do texto de maneira rigorosa, respeitando a articulação dos factos ou das ideias assim como do sentido do texto e as intenções do autor.</p> <p>9.6. Explicitar, de maneira sintética, o sentido global de um texto.</p> <p>10. <i>Avaliar criticamente textos.</i></p> <p>10.1. Expressir uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações</p>						
--	--	--	--	--	--	--

<u>Educação Literária</u>	<u>Educação Literária</u>	<u>Educação Literária</u>				
<p><i>18. Ler e interpretar textos literários.</i></p> <p>18.1. Ler textos da literatura para crianças e jovens, da tradição popular, e adaptações de clássicos.</p> <p>18.11. Responder, de forma completa, a questões sobre os textos.</p> <p>19. <i>Tomar consciência do modo como os temas, as experiências e os valores são representados nos textos literários.</i></p> <p>19.1. Identificar os contextos a que o texto se reporta,</p>	<p><i>Compreensão de texto</i></p> <p>- Linguagem: vocabulário, conotações, estrutura do texto.</p> <p>- Expressão de sentimentos, ideias e ponto de vista.</p>	<p>- Ler integralmente obras literárias narrativas, poéticas e dramáticas (...).</p> <p>- Valorizar a diversidade de culturas, de vivências e de mundivisões presente nos textos.</p>				

<p>designadamente os diferentes contextos históricos e a representação de mundos imaginário.</p> <p><i>20. Ler e escrever para fruição estética.</i></p> <p>20.1. Ler textos da literatura para crianças e jovens, da tradição popular, e adaptações de clássicos.</p> <p>20.3. Expressar, oralmente ou por escrito, ideias, sentimentos e pontos de vista provocados pela leitura do texto literário.</p>						
--	--	--	--	--	--	--



Ano de escolaridade: 6º ano Ano letivo: 2020/2021 Data: 6/5/2021			Estagiária: Filipa Leite (nº 85555) Orientadora institucional: Cristina Manuela Sá			
Áreas Metas curriculares Descritores de desempenho	Conteúdos	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Atividades	Modalidades de trabalho	Tempo	Recursos didáticos
Português <u>Oralidade</u> 1. Interpretar textos <i>oraís breves</i> 1.1. Distinguir informação implícita e informação explícita. 1.2. Fazer deduções e inferências. 1.4. Manifestar, justificando, a	Português <u>Oralidade</u> <i>Interação discursiva</i> - Princípio de cooperação. <i>Interpretação de texto</i> - Informação implícita e explícita; - Manifestação e justificação de reação pessoal ao texto ouvido;	Português <u>Oralidade</u> <i>Compreensão</i> - Explicitar, com fundamentação adequada, sentidos implícitos; - Distinguir factos de opiniões na explicitação de argumentos. <i>Expressão</i>	Escrita do sumário da aula anterior e abertura da aula presente <i>Escrita de uma lenda da História de Portugal</i> Apresentação da atividade aos alunos	Trabalho individual	5 minutos 5 minutos	Quadro Marcadores Caderno diário Materiais de escrita Computador Internet PowerPoint sobre texto narrativo (Anexo 1)

<p>reação pessoal ao texto ouvido.</p> <p>1.5. Sintetizar enunciados ouvidos.</p> <p>3. <i>Produzir textos orais com diferentes finalidades e com coerência.</i></p> <p>3.4. Respeitar princípios reguladores da interação discursiva, na formulação de pedidos (com uso apropriado dos modos imperativo, indicativo e conjuntivo), na apresentação de factos e de opiniões.</p> <p>3.5. Tratar um assunto com vocabulário</p>	<p>- Síntese.</p>	<p>- Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas.</p>	<p>Visualização e exploração de um PowerPoint sobre alguns conceitos base sobre o texto narrativo a partir de algumas questões orientadoras:</p> <p>- <i>O que é um texto narrativo?</i></p> <p>- <i>Como designamos a pessoa que o escreve?</i></p> <p>- <i>O que distingue o autor do narrador?</i></p> <p>- <i>Quais os elementos que constituem a narrativa?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Personagens (principais e secundárias)</i> • <i>Ação</i> • <i>Tempo</i> • <i>Espaço</i> 	<p>Trabalho coletivo</p>	<p>10 minutos</p>	<p>Guião orientador da pesquisa (Anexo 2)</p>
--	-------------------	--	--	--------------------------	-------------------	---

<p>diversificado e adequado.</p> <p>4. <i>Compreender e apresentar argumentos.</i></p> <p>4.1. Identificar argumentos que fundamentam uma opinião.</p> <p>4.2. Justificar pontos de vista.</p> <p><u>Leitura e escrita</u></p> <p>5. <i>Ler em voz alta palavras e textos.</i></p> <p>5.2. Ler um texto com articulação e entoação corretas e uma velocidade de leitura de, no mínimo, 150 palavras por minuto.</p> <p>6. <i>Ler textos diversos</i></p>	<p><u>Leitura e escrita</u></p> <p><i>Fluência de leitura: velocidade, precisão, prosódia</i></p> <p>- Palavras e textos (consolidação).</p> <p><i>Compreensão de texto</i></p> <p>- Textos de características: narrativas [..]</p>	<p><u>Leitura</u></p> <p>- Explicitar o sentido global de um texto.</p> <p>- Fazer inferências, justificando-as.</p> <p>- Identificar tema(s), ideias principais e pontos de vista.</p> <p>- Reconhecer a forma como o texto está</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Narrador participante e não participante</i> <p>- <i>Qual a estrutura da narrativa?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Situação inicial (introdução)</i> • <i>Desenvolvimento da ação (incluindo um Problema e Peripécias)</i> • <i>Conclusão (incluindo a Resolução e a Moral, que é facultativa)</i> <p>Constituição dos grupos de trabalho, com a colaboração da</p>		<p>5 minutos</p>	
--	---	---	--	--	------------------	--

<p>6.1. Ler textos narrativos [...]</p> <p>7. <i>Compreender o sentido dos textos.</i></p> <p>7.1. Realizar, ao longo da leitura de textos longos, sínteses parciais (de parágrafos ou secções), formular questões intermédias e enunciar expectativas e direções possíveis;</p> <p>7.2. Detetar informação relevante, factual e não factual, tomando notas (usar títulos intermédios, colocar perguntas, retirar conclusões).</p>	<p>- Sínteses parciais; questões intermédias; antecipação de conteúdos.</p> <p>- Informação relevante, factual e não factual.</p> <p>- Inferências: sentidos contextuais; relação de informações.</p> <p>- Estrutura do texto; relações intratextuais de causa-efeito e de parte-todo; aspetos nucleares do texto; síntese.</p> <p>- Opinião crítica contextual e intertextual.</p>	<p>estruturado (partes e subpartes).</p> <p>- Utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação.</p>	<p>professora cooperante</p> <p>Pesquisa sobre a lenda que vão relatar com recurso a um guião</p>	<p>Trabalho coletivo</p>	<p>20 minutos</p>	
--	---	---	---	--------------------------	-------------------	--

<p><i>8. Fazer inferências a partir da informação prévia ou contida no texto</i></p> <p>8.1. Antecipar o assunto, mobilizando conhecimentos prévios com base em elementos paratextuais (por exemplo, detecção de título, subtítulo, autor, ilustrador, capítulos, configuração da página, imagens).</p> <p>9.1. Procurar, recolher, selecionar e organizar informação com vista à construção de conhecimento (de</p>						
--	--	--	--	--	--	--

<p>acordo com objetivos pré-definidos e com supervisão do professor).</p> <p>9.3. Relacionar a estrutura do texto com a intenção e o conteúdo do mesmo.</p> <p>9.4. Distinguir relações intratextuais de causa-efeito e de parte-todo.</p> <p>9.5. Indicar os aspetos nucleares do texto de maneira rigorosa, respeitando a articulação dos factos ou das ideias assim como o</p>						
---	--	--	--	--	--	--

<p>sentido do texto e as intenções do autor.</p> <p>9.6. Explicitar, de maneira sintética, o sentido global de um texto.</p> <p>10. <i>Avaliar criticamente textos.</i></p> <p>10.1 Expressar uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor.</p> <p>10.2. Fazer apreciações críticas sobre os textos lidos (por exemplo, se o tema e o assunto são interessantes e porquê; se a</p>						
---	--	--	--	--	--	--

<p>conclusão é lógica; se concorda com o desenlace ou discorda dele e porquê; que alternativa sugere).</p> <p><u>Educação Literária</u></p> <p>18.3. Relacionar partes do texto (modos narrativo e lírico) com a sua estrutura global.</p>	<p><u>Educação literária</u></p> <p><i>Compreensão de texto</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Relação entre partes do texto e estrutura global (modos narrativo e lírico) - Expressão de sentimentos, ideias e pontos de vista. 	<p><u>Educação literária</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler integralmente obras literárias narrativas [...] - Interpretar adequadamente os textos de acordo com o género literário. - Analisar o modo como os temas, as experiências e os valores são representados. 				
--	--	---	--	--	--	--

	<p>desenvolvimento de ideias</p> <p>- Textualização: ortografia, acentuação, pontuação e sinais auxiliares de escrita; construção frásica (concordância, encadeamento lógico); coesão textual (retomas nominais, substituições por sinónimos e expressões equivalentes e por pronomes, ordenação correlativa dos tempos verbais, conectores); marcadores</p>		<p>Produção escrita (apoiada pela professora estagiária</p> <ul style="list-style-type: none"> - Planificação do texto - Redação - Revisão - Reescrita e melhoria 			
--	--	--	---	--	--	--

	discursivos; vocabulário específico - Revisão de texto: planificação, tema, categoria ou género; estrutura e desenvolvimento lógico do texto; correção linguística					
--	---	--	--	--	--	--

<p>da linguagem que conferem a um texto qualidade literária (por exemplo, vocabulário, conotações, estrutura).</p> <p>18.11. Responder, de forma completa, a questões sobre os textos</p> <p style="text-align: center;"><u>Gramática</u></p> <p>23. <i>Analisar e estruturar unidades sintáticas</i></p> <p>23.2. Identificar as seguintes funções sintáticas: predicativo do sujeito, complemento oblíquo, complemento agente</p>	<p>conotações, estrutura do texto</p> <p>- Expressão de sentimentos, ideias e pontos de vista</p> <p style="text-align: center;"><u>Gramática</u></p> <p style="text-align: center;"><i>Sintaxe</i></p> <p>- Funções sintáticas: predicativo do sujeito, complemento oblíquo, complemento agente da passiva e modificador.</p> <p>- Frase ativa e frase passiva</p>	<p style="text-align: center;"><u>Gramática</u></p> <p>- Identificar funções sintáticas: predicativo do sujeito, complementos (oblíquo e agente da passiva) e modificador (do grupo verbal).</p>				
---	---	--	--	--	--	--

da passiva e modificador. 23.4. Transformar frases ativas em frases passivas e vice-versa.		- Transformar a frase ativa em frase passiva (e vice-versa)				
---	--	---	--	--	--	--

<p>1.4. Manifestar, justificando, a reação pessoal ao texto ouvido.</p> <p>1.5. Sintetizar enunciados ouvidos.</p> <p>3. <i>Produzir textos orais com diferentes finalidades e com coerência.</i></p> <p>3.4. Respeitar princípios reguladores da interação discursiva, na formulação de pedidos (com uso apropriado dos modos imperativo, indicativo e conjuntivo), na apresentação de factos e de opiniões.</p>	<p>pessoal ao texto ouvido;</p> <p>- Síntese.</p>	<p><i>Expressão</i></p> <p>- Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas.</p>	<p>partir da visualização e exploração de um PowerPoint</p> <p>Produção escrita</p> <p>Organização dos alunos em grupos</p> <p>Elaboração de uma narrativa em banda desenhada a partir do texto escrito pelo grupo</p>	<p>Trabalho coletivo</p>	<p>25 minutos</p>	<p>PowerPoint sobre a Banda desenhada (Anexo 1)</p> <p>Oficina de escrita (Anexo 2)</p>
---	---	--	---	--------------------------	-------------------	---

<p>3.5. Tratar um assunto com vocabulário diversificado e adequado.</p> <p>4. <i>Compreender e apresentar argumentos.</i></p> <p>4.1. Identificar argumentos que fundamentam uma opinião.</p> <p>4.2. Justificar pontos de vista.</p> <p><u>Leitura e Escrita</u></p> <p>11. <i>Planificar a escrita de textos.</i></p> <p>11.1. Estabelecer objetivos para o que pretende escrever.</p> <p>11.2. Organizar informação segundo</p>	<p><u>Leitura e Escrita</u></p> <p><i>Produção de texto</i></p> <p>- Texto de características narrativas.</p> <p>- Planificação de texto: objetivos, organização segundo a categoria ou género, registo,</p>	<p><u>Escrita</u></p> <p>- Escrever textos de carácter narrativo, integrando o diálogo e a descrição.</p> <p>- Utilizar sistematicamente processos de planificação,</p>				
--	--	---	--	--	--	--

<p>a categoria e o género indicados.</p> <p>11.3. Registrar ideias, organizá-las e desenvolvê-las.</p> <p>12. <i>Redigir corretamente.</i></p> <p>12.1. Respeitar as regras de ortografia, de acentuação, de pontuação e os sinais auxiliares de escrita.</p> <p>12.5. Usar vocabulário específico do assunto que está a ser tratado, tendo em atenção a riqueza vocabular, campos lexicais e semânticos.</p> <p>13. <i>Escrever textos narrativos.</i></p>	<p>organização e desenvolvimento de ideias</p> <p>- Textualização: ortografia, acentuação, pontuação e sinais auxiliares de escrita; construção frásica (concordância, encadeamento lógico); coesão textual (retomas nominais, substituições por sinónimos e expressões equivalentes e por pronomes, ordenação correlativa dos tempos verbais, conectores); marcadores</p>	<p>textualização e revisão de textos.</p>				
---	--	---	--	--	--	--

<p>13.1. Escrever textos, integrando os seus elementos numa sequência lógica, com nexos causais, e usando o diálogo e a descrição.</p> <p>17. <i>Rever textos escritos.</i></p> <p>17.1. Verificar se o texto respeita o tema, a categoria ou género indicados e as ideias previstas na planificação.</p>	<p>discursivos; vocabulário específico</p> <p>- Revisão de texto: planificação, tema, categoria ou género; estrutura e desenvolvimento lógico do texto; correção linguística</p>					
---	--	--	--	--	--	--

<p>11.3. Registrar ideias, organizá-las e desenvolvê-las.</p> <p>12. <i>Redigir corretamente.</i></p> <p>12.1. Respeitar as regras de ortografia, de acentuação, de pontuação e os sinais auxiliares de escrita.</p> <p>12.5. Usar vocabulário específico do assunto que está a ser tratado, tendo em atenção a riqueza vocabular, campos lexicais e semânticos.</p> <p>13. <i>Escrever textos narrativos.</i></p> <p>13.1. Escrever textos, integrando os seus elementos numa</p>	<p>desenvolvimento de ideias</p> <p>- Textualização:</p> <p>ortografia, acentuação, pontuação e sinais auxiliares de escrita; construção frásica (concordância, encadeamento lógico); coesão textual (retomas nominais, substituições por sinónimos e expressões equivalentes e por pronomes, ordenação correlativa dos tempos verbais, conectores); marcadores discursivos;</p>					
--	--	--	--	--	--	--

<p>sequência lógica, com nexos causais, e usando o diálogo e a descrição.</p> <p><i>17. Rever textos escritos.</i></p> <p>17.1. Verificar se o texto respeita o tema, a categoria ou gênero indicados e as ideias previstas na planificação</p>	<p>vocabulário específico</p> <p>- Revisão de texto: planificação, tema, categoria ou gênero; estrutura e desenvolvimento lógico do texto; correção linguística</p>					
---	---	--	--	--	--	--

Anexo 2 – Materiais das sessões

Esquema sobre lendas e mitos na História de Portugal

<i>Lendas e mitos na História de Portugal</i>
<ul style="list-style-type: none">- Fazem parte da nossa cultura e identidade nacional.- Inspiraram certos costumes, tradições e superstições que se mantêm vivos até aos dias de hoje.- Representam o retorno às nossas origens.- Muitas lendas portuguesas revelam terras, gente de coragem, histórias de vingança, amores impossíveis e amores perfeitos. Deram nomes a cidades e vilas (por exemplo: a <i>Lenda das amendoeiras em flor</i>).- Os mitos estão muito ligados ao patriotismo de um povo. É o amor à pátria que faz com que o povo português seja muito ligado aos mitos criados (por exemplo: o mito <i>O Adamastor</i>, que prova a bravura do povo português).

Vídeo sobre a *Lenda das amendoeiras em flor*

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=wu2u2aWOwps&t=60s>

Vídeo sobre o mito *O Adamastor*

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=e2qcbh92IFo>

Vídeo sobre o episódio *O gigante Adamastor* do canto V d' *Os Lusíadas*

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=K9Xm8s2dXgk>

Quadro relativo à relação entre História, lendas e mitos

História	Lendas	Mitos
<ul style="list-style-type: none">- Faz parte da cultura e identidade de um país;- Inspirou certos costumes, tradições e superstições que se mantêm vivos até aos dias de hoje;	<ul style="list-style-type: none">- Baseiam-se em factos históricos, que podem ser distorcidos ou exagerados;- Referem-se a pessoas ilustres e/ou acontecimentos relevantes da História da comunidade;	<ul style="list-style-type: none">- Podem ter origem em acontecimentos históricos, mas não é possível identificá-los- Podem ser inspirados num momento histórico, mas a história é ficcional;

- Representa um retorno às origens.	- Focam-se principalmente em atos heroicos.	- Estão mais ligados a deuses, heróis, seres e reinos sobrenaturais; - Explicam fenómenos naturais através do simbolismo ou de metáforas.
-------------------------------------	---	--

PowerPoint sobre o texto narrativo

1 **Texto narrativo**
Ideias-chave

2 **O que é um texto narrativo?**
O texto narrativo conta uma história, real ou imaginária. Implica a participação de personagens, que se envolvem numa ação, que ocorre num determinado tempo e espaço.

3 **Como designamos a pessoa que o escreve?**
• Autor

4 **O que distingue o autor do narrador?**
• O autor é quem escreve a história.
• O narrador é quem narra a história.

5 **Quais os elementos que constituem a narrativa?**
Personagens Tempo Narrador
Ação Espaço

6 **Personagens**
Quem intervém na ação. Conforme a sua importância na ação, as personagens podem ser:
• Principais (papel mais importante),
• Secundárias (papel secundário).

7 **Ação**
Conjunto dos acontecimentos narrados (o quê).

8 **Tempo**
Momento (ou momentos) em que decorre a ação. Há uma pergunta que deves sempre fazer:
• Quando se passa a ação?

9 **Espaço**
Local (ou locais) onde se desenrola a ação. Há uma pergunta que deves sempre fazer:
• Onde acontece a ação?

10 **Atenção**
Por vezes, o tempo e o espaço são indicados de forma pouco precisa:
• Era uma vez...
• Há muitos, muitos anos...
• Numa floresta...
• Num reino desconhecido...

11 **Narrador**
Entidade imaginada pelo autor do texto, que narra os acontecimentos. Pode ser ou não uma personagem da história.

12 **Narrador**
• Participante - narra acontecimentos nos quais também participa como personagem. A narração é feita na 1.ª pessoa do singular e plural (meu/nosso, uso/usamos).
• Não participante - narra os acontecimentos sem participar neles. A narração é feita na 3.ª pessoa do singular e plural (foi/foram, ofereceu/ofereceram).

13 **Qual a estrutura da narrativa?**
Situação inicial (introdução)
Momento em que são apresentadas as personagens, o tempo, o espaço e o início da ação.

14 **Qual a estrutura da narrativa?**
Desenvolvimento da ação
Tem início no momento em que ocorre algo que vai modificar a situação inicial (problema), dando origem a uma série de peripécias.

15 **Qual a estrutura da narrativa?**
Conclusão (situação final)
Corresponde à resolução do(s) problema(s).

16 **Num texto narrativo há momentos de:**
• Descrição - caracterização das personagens, locais, etc.
• Diálogo - conversa entre as personagens.
• Narração- relato de uma sequência de acontecimentos.

Guião orientador de pesquisa

Guião de pesquisa
Uma lenda da História de Portugal

Elementos do grupo:

Título da lenda:

Construção da narrativa

Quem são as personagens?

Qual é o seu estatuto?

Personagens	
Principais	Secundárias

Quando se passa a ação?

Tempo

Onde se passa a ação?

Espaço

Como começa a ação?

Situação inicial
Momento em que são apresentadas as personagens, o tempo e o espaço.

Que problema vai/vão a/as personagem/personagens enfrentar?

Como tentam resolver o problema?

Desenvolvimento da ação
Problema
Peripécias

Qual é o desfecho da narrativa?

Conclusão
Resolução
Moral (facultativa)

Oficina de escrita

Uma lenda da História de Portugal

Título
O grupo deverá dar um título ao texto que vai escrever.
Planificação do texto
O grupo deverá explicitar: <ul style="list-style-type: none">- Quem são as personagens;- Qual o seu estatuto (principal ou secundária);- Se o narrador é participante ou não;- Quando e onde decorre a ação;- Como começa a ação;- Que problema vai/vão a/as personagem/personagens ter de enfrentar;

<ul style="list-style-type: none"> - Como vão tentar resolver o problema; - Como acaba a narrativa; - Que moral se pode tirar desta narrativa (parte facultativa).
Redação do texto
<p>O grupo deverá escrever o texto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seguindo o respetivo plano; - Combinando a narração com momentos de descrição e diálogo; - Selecionando informação relevante sobre o tema tratado; - Apresentando-a de uma forma clara; - Organizando-a segundo uma ordem lógica; - Dividindo o texto em parágrafos; - Usando conectores adequados; - Respeitando as regras de uso da pontuação; - Respeitando as regras de ortografia.
Revisão do texto
<p>O grupo deverá reler o texto escrito verificando se:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seguiu o respetivo plano; - Combinou a narração com momentos de descrição e diálogo; - Selecionou informação relevante sobre o tema tratado; - Apresentou a informação de uma forma clara; - Organizou a informação apresentada segundo uma ordem lógica; - Dividiu o texto em parágrafos; - Usou conectores adequados; - Respeitou as regras de uso da pontuação; - Respeitou as regras de ortografia.
Reescrita e melhoria do texto
<p>O grupo deverá reescrever o seu texto, procurando ultrapassar as lacunas detetadas na etapa de revisão.</p>

PowerPoint sobre a banda desenhada

1 **Banda desenhada (BD)**

2 **Prancha**
É a designação dada a uma página de BD, ou seja, o espaço total ocupado por todas as vinhetas.

3 **Vinheta**
É a designação dada a cada um dos "quadros" que compõem uma BD.

4 **Exemplo**

5 **Legenda**
Faz parte da vinheta e situa o leitor quanto ao espaço e ao tempo em que a acção se desenvolve.

6 **Cartucho**
Aparição no lado das vinhetas e é usado para o narrador localizar a acção e apresentar momentos que precedem a mesma.

7 **Tipos de balões**

8 **Balão de fala**
Os balões ajudam os personagens a exprimirem o seu discurso, os seus sentimentos e pensamentos.

9 **Balão de pensamento**

11 **Balão de fala em voz alta**

12 **Balão de fala em voz baixa**

13 **Balão de exclamação**

14 **Balão de fala colectiva**

15 **Balão em off**

16 **Planos**
Permitem enquadrar os personagens na vinheta e dão a sensação de aproximação ou afastamento.

17 **Plano geral**
Representa a totalidade do cenário.

18 **Plano de conjunto**
Enquadra os personagens no cenário.

19 **Plano médio**
Representa os personagens de peito em corpo inteiro. Foca-se no desenvolver da acção e não tanto no cenário.

20 **Plano americano**
Os personagens aparecem cortados pelos joelhos. Foca-se nas suas expressões.

21 **Plano aproximado**
Os personagens aparecem cortados pelo peito.

22 **Primeiro plano**
Os personagens aparecem cortados pelo rosto ou do corpo.

23 **Grande plano**
Foca os personagens em grande audição e proximidade. Foca-se no rosto e expressões do personagem.

24 **Plano de pormenor**
Foca em evidência pormenores importantes.

25 **Plano picado**
A cena é vista de cima para baixo.

26 **Plano contrapicado**
A cena é vista de baixo para cima.

27 **Onomatopeias**
É uma figura de linguagem que representa sons por meio de letras ou escritas.

28 **Exemplos**

Oficina de escrita- banda desenhada

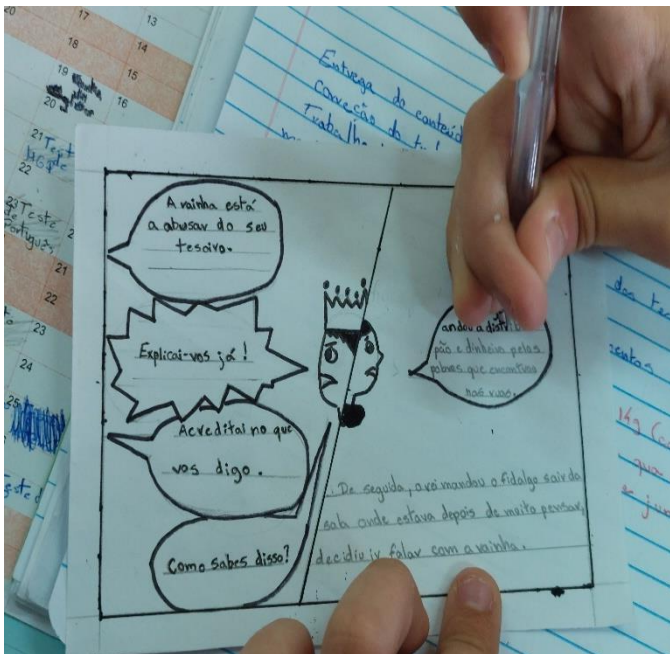
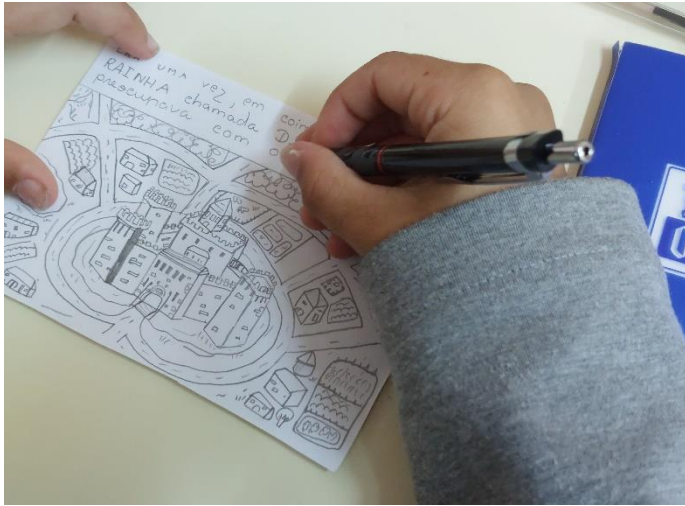
Uma lenda da História de Portugal

Título
O grupo deverá dar um título ao texto que vai escrever.
Planificação do texto
<p>O grupo deverá explicitar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quem são as personagens; - Qual é o seu estatuto (principal ou secundária); - Se o narrador é participante ou não;

<ul style="list-style-type: none"> - Quando e onde decorre a ação; - Como começa a ação; - Que problema vai/vão a/as personagem/personagens ter de enfrentar; - Como vão tentar resolver o problema; - Como acaba a narrativa; - Que moral se pode tirar desta narrativa (parte facultativa).
Redação do texto
<p>O grupo deverá escrever o texto da banda desenhada:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seguindo o respetivo plano; - Combinando a narração com momentos de descrição e diálogo; - Selecionando informação relevante sobre o tema tratado; - Apresentando-a de uma forma clara; - Organizando-a segundo uma ordem lógica; - Usando: <ul style="list-style-type: none"> • Vinhetas (8 no máximo) • Cartuchos e legendas, • Balões (de vários tipos), • Planos (de vários tipos).
Revisão do texto
<p>O grupo deverá rever a banda desenhada produzida verificando se:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seguiu o plano; - Combinou a narração com momentos de descrição e diálogo; - Selecionou informação relevante sobre o tema tratado; - Apresentou a informação de uma forma clara; - Organizou a informação apresentada segundo uma ordem lógica; - Usou: <ul style="list-style-type: none"> • Vinhetas (8 no máximo) • Cartuchos e legendas, • Balões (de vários tipos), • Planos (de vários tipos).

Anexo 3 – Registos fotográficos relativamente ao trabalho realizado na última sessão

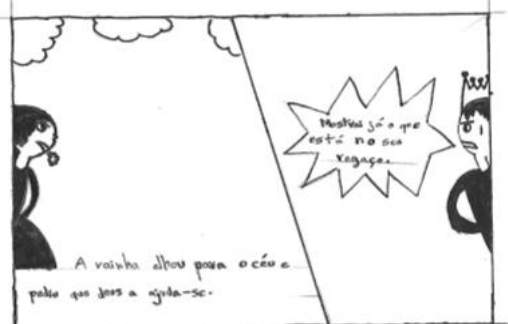
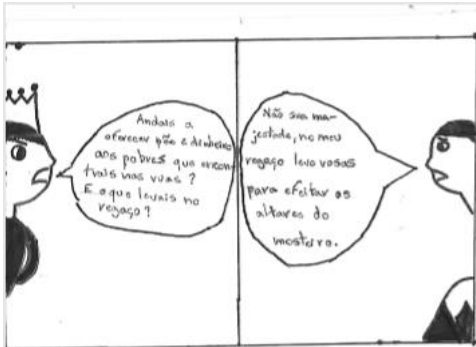
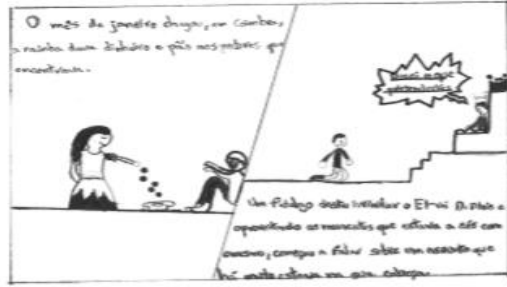
Elaboração da banda desenhada sobre a lenda: *O Milagre das rosas*



Bandas desenhadas realizadas pelos alunos



A Rainha das Rosas



O Milagre da Santa Isabel

Um rei herdou dos seus pais a coroa de rei e das suas riquezas que lhe davam para o seu reino. Assim, decidiu proibir de entrar no reino os pobres e os mendigos para que não fossem molestados e para os seus mais ricos.



Foi uma vez, uma noite da mãe Isabel que viveu em Coimbra com o seu marido Rui. Este rei com grande pobreza decidiu ajudar os seus mais necessitados que não tinham o que comer, nem dinheiro para sobreviver.



No entanto, a rainha acabou por desobedecer ao rei e deu parte do pão aos seus pobres, este foi o seu delito e perguntou-lhe:



A moral desta lenda é que os milagres acontecem e a bondade é recompensada. Portanto, devemos ajudar sempre quem mais precisa.

AJUDAR SEMPRE QUEM MAIS PRECISA
A BONDADÉ É SEMPRE RECOMPENSADA
OS MILAGRES ACONTECEM

Após este acontecimento o rei obrigou-a e mandou-a a que tinha de obedecer ao rei e a sua mãe rainha recusou-se porque sabia que não existia coisa alguma que lhe desse o que precisava. Por isso, o rei mandou-a a morrer em Coimbra.



Este milagre aconteceu pela cidade de Coimbra e a rainha Dona Isabel foi proclamada Santa Isabel de Portugal.

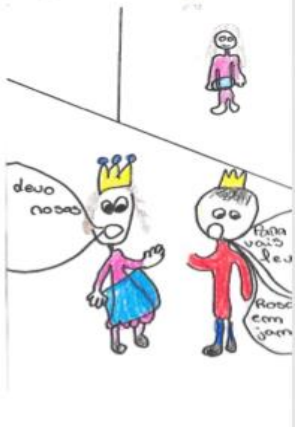
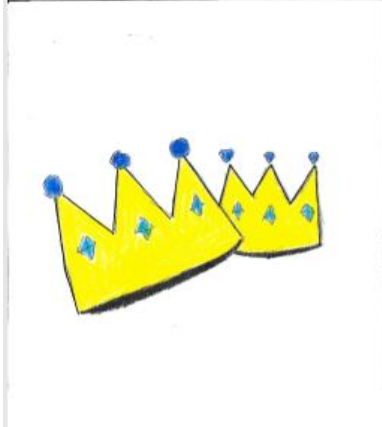


0
 Bilagne

Em meados de janeiro, a rainha Isabel, mulher de D. Dinis era muito conhecida por ser muito bondosa e ocupar o seu tempo a fazer bem aos outros.

Como o rei já a tinha visto a dar pão aos mendigos e não gostou.

Assim que saiu do palácio acabou de surgir um momento e a rainha viu-la perguntar:



nei como disseu admirado, pediu para a rainha alevantar o mamto. Ele tinha pão que a rainha remociava dar aos pobres.

Com medo do que o rei lhe pudesse fazer, a rainha pediu a Deus para transformam o pão em pedras.

E daí veio o milagre que Pão transformam-se em

